Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2210unse

ANO XXII — Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1946—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Sôbre a Imortalidade . . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
Cruzada do Espiritismo de Vivos . *Leopoldo Machado*
Higiene e Atitude Mental . . . . *Adauto de Oliveira Serra*
Reincarnação, doutrina provada . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Fascinação . . . . . *J. B. Chagas*
Primeiro Congresso Espirítico Pan Americano . . . . . *Coronel Delfino Ferreira*
Trinta Anos Entre os Mortos . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel . . . *Spártaco Banal*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.
Paz em Jesus

COMO nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», comemorando o natalício de Jesus, distribuirá no dia 25 de Dezembro, entre os pobres da cidade, as dádivas que por seu intermédio lhes ofertarem as criaturas possuidoras de um coração generoso.

Jesus, âncora da nossa salvação, disse que tudo o que fizermos aos nossos semelhantes, é a Êle que o fazemos. Isto quer dizer que o pão, a roupa, o remédio, o amparo, enfim, que dispensarmos ao nosso próximo necessitado, será anotado por Jesus, que nos recompensará com paz, saúde e felicidade, nos guiando e amparando em todos os momentos difíceis da vida. Portanto, a maior e a mais justa homenagem que devemos prestar a Jesus, o que efetivamente O alegra, está no amparo que dispensarmos aos nossos semelhantes necessitados.

Assim, a Comissão abaixo assinada, encarregada de receber donativos para o *Natal dos Pobres*, donativos que podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, etc., conta com o apoio indispensável de V. S., afim de que os pobres possam também ter um Natal alegre.

Que Jesus, nosso Guia e Mestre, lhe proporcione um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades, paz e saúde.

Matão, Novembro, 1946

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Jenny Perche
Isabel Perche
Edméa Costa
Leonor Cruz
Doris Gonçalves Molinari
Mirian Teixeira Perche
Manoela Torres
Maria Casanova
Elvira Prado
Zélia S. Perche
Valéria Dias de Lima
Joselina Dias de Lima
Clotilde Ferreira
Carmem Torres
Edna Gonçalves
Cleide de Barros Perche

ANO XXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1946 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

SÔBRE A IMORTALIDADE

A maioria da humanidade é composta de materialistas obstinados, muito embora professem êstes uma religião. E se assim não fora, não estariamos presenciando os tristes espetáculos de guerras fratricidas que se sucedem cada vez mais desvastadoras e brutais.

Enquanto houver guerras não haverá amor a Deus, porque o amor a Deus é o resultado do amor ao próximo. «Se não amais o vosso próximo, a quem vêdes, como podereis amar a Deus, a quem não vêdes?» — disse o Apóstolo Paulo. Porisso que a humanidade ha de sofrer e chorar muito enquanto persistir nos seus propósitos materialistas, em detrimento das sábias e imutáveis leis de Deus, que se resumem no amor, e tanto é assim que Paulo afirmou: «O amor é o cumprimento da Lei.»

O materialista não crê na sobrevivência individual. Para êle a morte é o ponto final da vida. Mas se a morte fosse, efetivamente, o ponto final da vida, que nos aproveita a pratica das virtudes ativas?

E' ainda o doutor dos gentios que diz: «Se eu, como homem, combati com as feras em Efêso, que me aproveita isso? Se os mortos não são ressuscitados, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos». Que nos aproveita amar o nosso próximo, trabalhar pelo nosso aperfeiçoamento moral e espiritual, renunciar aos bens terrenos, cultivar a fé num mundo vindouro, estudar, ser bom, paciente, indulgente, humilde, caritativo, se todas essas virtudes desaparecem com o nosso corpo físico num túmulo? Que valor devemos então dar aos profétas da Velha Dispensação, aos cultivadores do antigo espiritualismo e ao Enviado de Deus, Jesus Cristo? Se a morte é o último quadro da vida, somos forçados a admitir num embuste divino, o que é contrário a toda lógica dos factos que vemos todos os dias na natureza e nas diversas ocorrências supranormais que se verificam conosco de minuto a minuto.

Não somos apenas um amontoado de sangue e vísceras, ossos e carne, nervos e pele. Temos algo mais, porque sentimos uma ofensa, nos alegramos com as boas cousas, sentimos profundamente o passamento de um ente ou amigo querido.

Quando a morte ceifa um ente, choramos copiosamente, lamentamos amargamente a sua partida. No dia dos mortos, vamos a necrópole levar-lhe, com lágrimas e flôres, as nossas saudades, num preito de amor, de afêto, revivendo incidentes, peque-

ninas ocorrências que nos ficaram gravadas na lembrança e que o tempo jamais conseguirá apaga-las, num desafio á renovação das células, o que quer dizer que a nossa lembrança não é o resultado do corpo, mas da alma, que, no seu perispírito arquiva tudo o que conosco se passa.

A morte é, portanto, a porta por onde o espírito vai e vem em demanda do seu aperfeiçoamento moral e espiritual. Atingida esta etapa da vida, que é eterna, torna-se êle livre das peias materiais, alçando altos vôos às esferas dos seres superiores.

A seguir, reproduzimos o seguinte facto comprobativo da sobrevivência individual, de um espírito que retorna para revelar um Testamento oculto, na reparação de uma injustiça, destinado áqueles que ainda temem a morte:

«James L. Chaffin, um fazendeiro de Carolina do Norte, apareceu, quatro anos após sua morte, a seu segundo filho e revelou a existência de um testamento, inteiramente escrito de próprio punho e não testemunhado, que êle ocultara na Bíblia pertencente á familia.

Ninguém, exceto o defunto, sabia da existência dêsse documento.

O caso foi levado ao tribunal. O testamento foi julgado legítimo.

A telepatia fóra de discussão

Em Carolina do Norte, um testamento escrito pelo próprio punho do testador é válido, mesmo não sendo testemunhado. Não existindo testemunhas, sua existência era unicamente conhecida do testador (morto).

Em Novembro de 1905, James Chaffin redigiu um testamento, devidamente firmado por duas testemunhas, deixando a sua fazenda ao terceiro filho, Marshall, ao qual designou como único executor. A viúva e outros três filhos não foram contemplados.

Treze anos depois, isto em Janeiro de 1919, êle redigiu outro testamento concebido nestes termos:

«Após a leitura do cap. 27 de Genesis, Eu, James L. Chaffin, declaro minhas últimas disposições testamentárias, que são:

Eu quero que, após um sepultamento decente de meu corpo, minha pequena propriedade seja dividida igualmente entre meus quatro filhos, se ainda estiverem vivos por ocasião de minha morte; caso não viva um de meus filhos, a parte correspondente será distribuida aos orfãos. Se a mãe dos beneficiários estiver viva, todos são obrigados a sustentá-la e a dispensar-lhe todos os cuidados. Esta é a minha última vontade e testamento. Por testemunhas, minha mão e o sinete. Neste 16 de Janeiro de 1919. James L. Chaffin».

Redigido o testamento, êle o encerrou entre duas páginas de uma velha Bíblia, dobrando-as em forma de carteira. As páginas assim dobradas eram as do cap. 27 de Genesis, que relata como o filho mais novo, Jacó, suplantou o mais velho, Esaú, obtendo o seu direito de primogenitura e a benção paterna.

Em seguida, sem revelar o que fizera, o fazendeiro ocultou no bolso interno de seu sobretudo um maço de papeis num dos quais havia escrito as palavras — «Leia o cap. 27 de Genesis, na velha Bíblia de meu pai».

James Chaffin morreu em 1921, em consequência de uma queda e seu terceiro filho, Marshall foi declarado executor e único beneficiário (primeiro testamento) três semanas depois. A mulher e os demais filhos não contestaram o testamento.

Pois bem, quatro anos mais tarde, James Chaffin, o falecido agricultor, voltou ao segundo filho, James Pinkney Chaffin, num sonho e lhe revelou a existência dum segundo testamento. Aparentemente êle quís falar do segundo testamento em seu leito de morte, mas não o conseguiu.

«James Pinkney Chaffin jurou que nunca ouvira falar de um segundo testamento até 1925, quando começou a ter sonhos mui vívidos com seu pai que aparecia ao lado de sua cama. A princípio êle não fez comunicação verbal, porém, algum tempo depois, apareceu-lhe vestido «como muitas vezes eu o havia visto vestido em vida, envergando um sobretudo preto, que reconheci ser o seu próprio».

E continúa o depoimento de James Pinkney Chaffin perante testemunhas e o procurador da Sociedade para Invertigação Psíquica Americana:

«Dessa última vez o espírito de meu pai falou me, êle despiu o sobretudo e disse: «você encontrará o meu último

testamentto no bolso interno do meu sobretudo» e então desapareceu.

Despertei na manhã seguinte, inteiramente convencido de que o espírito de meu pai me visitara com o propósito de reparar alguma injustiça.

Fui a casa de mamãe, e procurei o sobretudo, mas o mesmo estava em poder de meu irmão João, que morava cerca de 30 k. distante de minha cidade».

Confirmação

«Dirigi-me a casa de meu irmão e achei o sobretudo. Ao examinar o bolso interno, verifiquei que o mesmo fôra fechado por uma costura. Cortei imediatamente os pontos, e encontrei um pequeno maço de papeis, tudo ligado por fino barbante. Um papel continha as seguintes palavras grafadas pela mão de meu pai: «Leia o cap. 27 de Genesis na velha Bíblia de meu pai».

Chegado a êste ponto, eu estava convencido de que o mistério estava prestes a ser aclarado. Não querendo examinar, sem a presença de testemunhas, a Bíblia que se achava em casa de mamãe, fiz-me acompanhar pelo meu vizinho Mr. Thomas Blackwelder, a filha dêste e por minha própria filha.

Em casa de mamãe, consumimos considerável tempo antes de encontrar a velha Bíblia. Finalmente foi encontrada na gaveta superior duma escrivaninha situada num cômodo do andar superior. O livro estava tão arruinado que, ao retirá-lo, caíu ao solo em três pedaços.

Mr. Blackwelder apanhou a porção que continha o Livro de Genesis, e alí encontrámos duas páginas dobradas formando uma algibeira, e nesta, Mr. Blackwelder achou o testamento que foi julgado legítimo.

Durante o mês de Dezembro de 1925, meu pai apareceu-me novamente, antes de ser proferido o veridictum na questão de Chaffin versus Chaffin, e disse: «onde está o meu velho testamento?» e revelou considerável calma. Disto deduzi que a questão judicial me seria favorável, o que efetivamente aconteceu. Dia seguinte relatei esta visita ao meu advogado.

«Muitos amigos meus não acreditam na possibilidade de comunicação entre vivos e mortos, mas eu estou convencido que meu pai realmente me apareceu nessas diversas ocasiões, e cre-lo-ei até o dia de minha mórte.»

A história do encontro do segundo testamento foi garantida, numa declaração sob juramento, por Thomas H. Blackwelder.

Bem, o segundo testamento, encontrado por indicação de um espírito, foi considerado probante. O filho Marshall, único contemplado no primeiro testamento, falecera um ano após a morte do pai e assim, o filho deste ùltimo, R. M. Chaffin, foi demandado no caso do segundo testamento.

Levado o caso á audiência em Dezembro de 1925, foi ajuramentado um conselho na mesma manhã, e em seguida o conselho foi adiado para depois da refeição. Reencetados os trabalhos, um dos advogados anunciou que durante o intervalo fôra apresentado um acordo amigável entre os litigantes e que o novo testamento seria por todos aceito sem oposição.

No início da questão, a viúva de Marshall e seu filho estavam preparados para contestar o segundo testamento. Quando este lhes foi mostrado, durante o intervalo, juntamente com as declarações das dez testemunhas, que sob juramento declaravam que o testamento fôra redigido pelo punho do testador e em sua própria letra de mão, a viùva e seu filho imediatamente retiraram o protesto.

O caso Caffin foi testemunhado por não-espiritistas, que não procuravam apoiar qualquer doutrina ou idéia pressuposta, inclusive por um advogado que desapaixonadamente examinou todas as provas — e finalmente pelo julgamento da Côrte Superior.

Eis aí, pois, um caso que prova, de maneira insofismável, patente, a sobrevivência individual, e também o poder do espírito de interferir na vida dos encarnados, para fazer-lhes o mal ou o bem, conforme o relato acima.

As religiões construíram um túnel sem fim — a morte. Mas o Espiritismo construíu um viaduto sem fim: a vida imortal. — GREGÓRIO.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

4.ª CATEGORIA

Certa noite D. D. Home viu o fantasma dum pequeno cão pertencente a um dos experimentadores, cãozinho morto nêsse momento em sua cama.

Lord Dunaven conta a cousa nêstes termos:

Home dirigiu-se para a cama e subitamente caíu em transe. Pôs-se a murmurar palavras incompreensíveis. Eu me convenci que êle se encontrava bem em estado de transe... As paredes e soalho entraram a vibrar com violência, dando impressão que debaixo de nòs se desenrolava um baile desordenado (o que não era o caso)... Derepente, Home, voltou-se para mim e exclamou: «Oh! o que eu vejo! O pobre cão está morto!—Que cãozinho?—A «pequena irmã branca» (tratava-se de uma cadelinha pertencente a Mrs. Hall). Seus donos vão ficar desolados. Ela acaba de morrer neste instante (o que era exato). Mas não está morta! Dir-se-ia uma bola de eletricidade! Um pequeno globo de luz! Eis que ela se eleva no ar! Mais tarde ela entrará em contacto com uma substância especial que a absorverá — O que a absorverá? Como é isso? — Entendei, uma outra forma mais elevada de existência animal. Mas no interválo, um espìrito qualquer poderá se apoderar dela, ainda que eu diga aparecer ela como um pequeno globo luminoso, mas quando se destacou do corpo, tinha ela a aparência dum cão. Em todo caso, mesmo que um espìrito consiga apoderar-se dela será por pouco tempo, porque ela deve confundir-se em uma outra forma de animal. Tal é a lei da natureza e nada tem a possibilidade de a transgredir. Agora, ela não tem sensações nem conciência de si. As condições de sua existência não foram suficientemente elevadas para lhe permitir guardar sua própria individualidade...» (Lord Dunaven: *Expereinces in Spiritualism*, pag. 243.)

A seu turno, o célebre positivista-materialista Adolph d'Assier, que não obstante importantes enquêtes pessoais sôbre fenômenos de casas assombradas, permanece irredutível negador da sobrevivência humana, assim relata o facto a êle advindo:

«Será a existência em nós de uma imagem vivente e fluìdica reproduzindo nossa forma exterior, assim como nossa organização interna, o privilegio da espécie humana, ou deve ela ser considerada como um atributo da animalidade? Para todo o homem iniciado no estudo da filosofia natural, a dúvida não é permitida. Ele responderá sem hesitar que não sendo o animal humano outra cousa que um ramo da árvore zoológica, todos seus caractéres essenciais se reencontram em graus diversos nos outros ramos. Esta consideração teórica tirada da grande lei das analogias que forma uma das principais bases da história natural, é experimentalmente confirmada por grande número de factos. Vou citar alguns:

«Em fins de 1869, encontrando-me em Bordeus, certa noite encontrei um amigo que se dirigia a uma sessão magnética, e que me convidou a acompanhá-lo. Aceitei seu convite, desejoso por ver de perto o magnetismo que sò conhecia de nome. Nada de notável ofereceu essa sessão; era a repetição do que se passa nas reuniões desse gênero. Uma pessoa moça parecendo assás lúcida exercia a função de sonâmbula, e respondia às perguntas que lhe eram dirigidas. Todavia fui chocado por um facto inesperado. Em meio à sessão, uma pessoa presente tendo percebido uma aranha sôbre o soalho esmagou-a sob o pé. «Eis aí! exclamou no mesmo instante a sonâmbula, vejo o espìrito da aranha que se escapa.» Sabe-se que na lingua dos médiuns, a palavra *espírito* designa o que se chama «fantasma póstumo.» — «Qual a forma desse espírito?» perguntou o magnetizador. «Tem a forma da aranha,» respondeu a sonâmbula. Nesse momento eu não sabia o que pensar dessa aparição. Eu

absolutamente não duvidava da clarividência da sonâmbula, mas então não acreditava em nenhuma manifestação póstuma da parte do homem, não a podia admitir para os animais. A história da aranha só me foi explicada alguns anos mais tarde, quando tendo adquirido a certeza do desdobramento da personalidade humana, tratei de procurar o mesmo fenômeno nos animais domésticos.» (Adolphe d'Assier : «*L'Humanité Posthume*» pgs. 83-84).

Repito que se as recentes e magníficas experiências que venho de citar, não tivessem vindo ao meu conhecimento, eu me absteria de fazer alusão às observações análogas e espontâneas dos antigos sonâmbulos. Mas, pelo contrário, evidente é que as experiências de hoje confirmam as observações dos sonâmbulos, e que estas reforçam, a seu turno, as experiências presentes.

A êste propósito, convem notar que a despeito de tudo o que foi exposto sôbre as provas de ordem experimental, indispensáveis para atingir a certeza científica da existência dos fenômenos de «bilocação», necessário é não negligenciar as provas igualmente tão legítimas e concludentes obtidas por meio da análise comparada e da convergência das provas tais quais as resultantes da presente classificação. Antes de tudo sublinho que sôbre a base dessas provas, constata-se que os casos de «bilocação», bem como os outros fenômenos estudados pela ciência, nunca são considerados isoladamente, mas cumulativamente. Assim e sómente assim é que os fenômenos em questão adquirem integralmente sua significação irresistivelmente demonstrativa. E isto pelo facto de não poder surgir nenhuma dúvida sôbre a objetividade do fenômeno mesmo, desde que se aplique o processo da análise comparada a centenas de factos do mesmo gênero, conexos, nos quais estão representadas todas as gradações que assume tal fenômenologia, de modo a fazer aparecer as modalidades segundo as quais a exteriorização do «corpo fluídico» é determinada. Cumpre-nos então excluir as hipóteses «onírica» e «alucinatória», que são as únicas que se podem opôr aos fenômenos dêste gênero. Essas conclusões tornam-se indiscutiveis em seguida às seguintes considerações:

Em primeiro lugar, porque os diversos graus de produção dos fenômenos de bilocação, completam e reforçam admiravelmente um ao outro. Com efeito, a comecar pelos fenômenos denominados «sensações de integridade nos amputados», aos quais por vezes a sensação de integridade do membro faltante é a tal ponto real que, se estiverem distraidos, experimentam as sensações que o membro deveria ressentir se êle ainda existisse; passo aos casos de desdobramento embrionário nos que são atingidos de hemiplegia, os quais percebem junto a si, do lado paralizado, uma secção longitudinal do seu próprio duplo, e afirmam que êsse fantasma goza da integridade sensorial que lhes foi subtraída (facto inexplicável pela hipótese cenestésica, porque nos hemiplégicos, o sentido cenestésico já não está exagerado, pela excelente razão de não mais existir); em seguida enumero os casos de desdobramento autoscópico nos quais o sujet percebe seu próprio fantasma, conservando plena consciência de si; e a seguir os casos nos quais a consciência se acha transferida ao duplo que percebe, a alguma distância, sem corpo somático inanimado; depois os casos nos quais o desdobramento se produz no decurso do sono natural, do sono provocado, no delírio, na letargia e no coma; a seguir os casos em que o fantasma desdobrado de um vivo adormecido, é percebido por terceiros, para chegar aos casos em que o fenômeno de desdobramento fluídico se realiza no leito de moribundos e é registrado por pessoas sensitivas, e finalmente os casos em que o fantasma desdobrado no leito de morte é visto coletivamente por todos. Conclue-se — eu o repito — que todas estas graduações ascendentes de fenômenos análogos estão intimamente ligados entre si e se completam e se reforçam, se confundem e se integram para produzir a certeza de se assis-

tir á manifestação diversamente graduada do mesmo fenômeno.

Em segundo lugar, porque as hipóteses «onírica» e «alucinatória» estão excluidas por serem os fenômenos de bilocação no leito de moribundos, constantemente descritos por clarividentes, com os mesmos e minuciosos detalhes de realização, onde se realçam particularidades de tal maneira novas e inesperadas que logicamente impossível se torna presumir que elas emanem idênticas do cérebro de todos os videntes, quer pertençam eles ao mundo civilizado, bárbaro ou selvagem.

Em terceiro lugar, porque já se obteveram experimentalmente fotografias de fantasmas desdobrados de vivos (Staiton Moses, de Rochas, Durville, Prof. Istroti) e de fantasmas no leito de moribundos, em sua forma rudimentar (Doutor Baraduc).

Enfim, porque — como já se viu — as investigações presentes tendem a provar admiravelmente, experimentalmente, definitivamente, a tese aqui sustentada.

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Leopoldo Machado ——— *(Continuação)*

Prèga-o o Protestantismo, valha a verdade.

Mas, ainda muito agarradamente á letra que mata.

Daí, sua aceitação, ainda, de absurdos sem nome, que só servem para diminuir os atributos da Divindade e fazer, diante da razão, periclitar a fé.

Absurdos como penas eternas, a existência de um Satanaz (mais poderoso do que Deus) de santissimas trindades, do Espírito Santo personificado e quejandos...

Prègam-nos os espíritas?

Parece que nem 10 %, por enquanto...

Os da corrente científica, de Evangelho não cuidam.

Nele não cogitam os espíritas filosóficos.

«Evangelho é coisa passadista. E nós, espíritas, somos evolucionistas. Portanto, devemos prègar coisas novas, atuais e para o futuro», foi o que ouviramos de um dêsses, e dos mais famosos prègadores do Espiritismo de cá...

Ha espìritas que nem «O Evangelho segundo o Espiritismo», que se ocupa, apenas, de um aspecto do Evangelho do Cristo, conhecem bem e o prègam.

Talvez 10 %, apenas, estudam-no, geralmente, através de um de seus aspectos. Aliás, o mais importante, porque a parte moral.

Preferem o convívio interminavel com os mortos, as longas preces, o ensino dos «guias espirituais», por vezes aberrantes, até, da Doutrina e do Evangelho.

Porque nos falte uma interpretação completa de todo êle, de vez que, entre as obras de Allan Kardec teria de completar, a interpretação inteira do Evangelho seria das principais?

Embora só no Brasil o Espiritismo evangélico e cristão tenha encontrado clima, nem por isso o Evangelho do Cristo tem sido devidamente estudado nos meios espíritas...

Assim, o estudo meticuloso do Evangelho, nos meios espíritas, é coisa que ainda está por fazer-se, definitivamente.

E êste *que-fazer*, dentro do Espirtismo, parece-nos que é obra que partirá, também, do Brasil.

Por isso mesmo que o Brasil aceitou o Espiritismo como o Cristianismo restaurado em espírito e verdade.

Que glória para nós, espíritas da terra coração-do-mundo, se fôr aqui iniciada a prègação do Evangelho na sua definitiva pureza, assinaladora do fim dos últimos tempos e da aurora de melhores dias?

A Prègação do Evangelho é a primeira grande obra do Espiritismo de vivos.

Obra que só póde, entretanto, ser compreendida e sentida pelos espíritas que Allan Kardec classificou da 3.ª categoria.

Que espíritas são êstes?

«Os que não se contentam de admirar

a moral (espírita); praticam-na e aceitam-lhe as consequências. Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, esforçam-se por aproveitar êstes curtos instantes para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, empenhando-se em fazer o bem e em reprimir as suas más inclinações. As suas relações são sempre seguras, porque suas convicções os afastam de todo pensamento do mal. A caridade é, em toda a ocasião, a regra de sua conduta. São êsses os verdadeiros espíritas, ou melhor: os espíritas cristãos.»

A influência dos mortos sôbre os vivos, é fenômeno que não deixará de existir.

Se «os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos,» para um agnóstico e observador como Augusto Comte, não ha de ser para os espíritas que tal influência se invalide.

Não se trata de negar ou destruir tal influenciação.

Trata-se de não condicionarmos todo o Espiritismo, todas as nossas ações, todos os nossos passos á orientação dos Espíritos.

«Se os Espíritos fizerem tudo, e tiverem de ver tudo, e forem cometidos para tudo solucionarem, que ficará, então, para os espíritas?»

Esta, aliás, a pergunta criteriosissima feita por um Espirito.

Por muito tempo, ainda seremos dirigidos pela influência dos mortos.

Até que aprendamos a dirigir-nos por nós mesmos.

De tal modo se desmoralizou o ensino que os vivos transmitiam aos vivos, que foi preciso Deus enviasse os mortos para ensinarem melhor.

Esta tutela professoral cessará como cessa a tutela paterna com a maioridade do filho: com a emancipação de nosso espírito, de nossa mente.

O esforço consciente por essa emancipação, que só o estudo e a meditação, o trabalho e a prática das bôas virtudes podem objetivá-la, é função das mais apreciaveis do espírito humano.

Viver perenemente confiados e confinados com os mortos, envolvendo-os em todos os nossos passos e atos, é que não é espiritismo.

«Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, que todos vivem para Êle» (Luc. XX-38).

Se os vivos viverem subordinados em tudo á orientação dos mortos, onde ficará o mérito de suas iniciativas e realizações?

Seriamos, assim, um maquinismo humano dirigido por uma inteligência fóra de nós.

Assim como um automovel dirigido por um motorista.

O mérito de viagens sem acidentes, dos premios nas corridas, é mais do motorista do que do carro.

Liberdade de ação, é o que exige o espírito humano, que «reina o espírito do Senhor — repitamos o ensino evangélico — onde existe liberdade.»

Se já nos libertamos da autoridade indiscutivel do vigário e do pastor evangélico, para quem já não pagamos dizimos e sacramentos, porque continuarmos escravos a pastores e vigários invisiveis: os guias espirituais?

Muitos, por vezes, carentes de ser guiados, de tão atrazadões e incoerentes?

A Hora do Espiritismo de vivos sôou.

Nesta hora, levas e levas de espíritos evoluidos estão baixando á Terra, para sua reincarnação, afim de implantarem no Planeta a definitiva espiritualização da humanidade.

Eis o que, nesta hora, e *urbs-et-orbs,* muitos guias da humanidade estão avisando.

Até ontem, até antes da guerra, baixavam á Terra, reincarnando-se ou, influenciando, invisivelmente, os encarnados, espíritos atrazados e turbulentos.

Espíritos que, em levas-satânicas, empurraram a Terra para a hecatombe que a sacudiu!

Agora, são as levas de operários construtores, que estão descendo, para a preparação do Planeta, afim de que nele se implante o Reinado do Cristo!

Ilustre confrade contou-nos o seguinte:

Um dos daqueles espíritos do *Auto-de fé de Barcelona,* reincarnou na sua família.

Fôra inimigo rancoroso da família.

Espírito rebelde, não quís ficar.

Inutilizou as condições de vida, desencarnando muito cêdo.

Arrependeu-se no Espaço.

E quís voltar.

Não pode mais. Era tarde! Havia perdido a oportunidade de reincarnar na Terra de onde vão ser banidos os espíritos rebeldes, briguentos, rancorosos, viciados», dito ao confrade ilustre por seu guia espiritual.

Até ontem, era para lamentar-se:

«Ai, da Terra e do mar, porque desceu a vós o diabo cheio de grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta!» (Ap. XII-12).

Sua grande ira cumpriu-se integralmente. A prova dêsse cumprimento, a guerra universal que assistimos!

Agora, será para dizer-se:

«Bem haja a Terra, pois lhe estão descendo espíritos de luz, afim de que, reincarnados, preparem o Reino do Cristo, com o Primado do Espírito.»

Espíritos de luz que, desencarnados ha milênios, martirizados por amor do Cristo, não encarnavam ha seculos.

«Vi as almas daqueles que tinham sido decapitados por amor do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e os que não adoraram a Besta, nem a sua imagem, etc.»

«Os outros mortos não viveram até que fossem cumpridos os mil anos. Esta, é a primeira ressurreição» (que dizemos: primeira reincarnação depois de seu martírio, para apressar o advento do Primado do Espírito). (Ap. XX—4 e 5).

O que aí está não se enquadra a nossa época?

Vencido que Satanaz será para sempre (Ap. XX—7) e afastado, consequentemente, da Terra, é óbvio que seu lugar será ocupado por Espíritos superiores.

Abençoados, pois, os ventres que os receberem.

E bem haja aos casais que merecerem de Deus a confiança e a graça de orientá-los, em crianças, como seus filhos!

Glórias às casas que se abrirem para os receberem, visto como, vêm, muitos deles, desbafejados dos bens do mundo, que os meios afortunados nunca foram os mais propícios para os gênios, os missionários, os superhomens.

Consulte-se a História, e ver-se-á como está cheia de vidas gloriosas e geniais, que se elevaram do nada.

Condenação maior, então, aos casais infelizes que não querem filhos, que fogem ou limitam a natalidade, opondo-se, assim, ás leis divinas e naturais, à graça e a confiança que Deus lhes confere...

O Reino do Cristo está, pois, se implantando, definitivamente, à face da Terra.

Será justo que cruzemos os braços, à espera que os Espíritos missionários, reincarnados ou não, façam tudo?

«Os mais lastimáveis dos homens — repitamos — são os que tudo esperam de Jesus» e do Alto.

Como precursores das verdadeiras gerações espíritas do futuro—nós, principalmente, que já sentimos a necessidade da prègação, em primeiro lugar, do Espiritismo de vivos e para vivos — devemos ir, já de agora, preparando as veredas por que terão de trilhar.

Eis o que esta *Cruzada* se propõe realizar...

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 40,00	Do 4.º ano Cr.$ 40,00	Do 5.º ano Cr.$ 40,00
Do 6.º ano . . 40,00	Do 7.º ano . . 40,00	Do 8.º ano . . 40,00
Do 10.º ano . . 40,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 50,00

Higiene e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— V —

Para vencer é preciso lutar e para não fracassar é necessário e indispensável uma fôrça de vontade como a que animou Bernardo Palissy que inventou a louça esmaltada após 16 anos de trabalho assíduo e constante!

Quando Jenner descobriu a vacina, do alto das cátedras e dos púlpitos, diziam que a criança vacinada ficava com cara de boi, que sua vóz se alterava como mugidos de touro e que na tésta lhe cresceriam chifres!

Giordano Bruno foi queimado vivo por demonstrar as possibilidades de vida em outros planetas. Miguel Servet, médico e sábio espanhol, também foi torrado vivo numa fogueira.

Pasteur viu-se acusado e criticado pela ciência oficial, porque não possuía um diploma de médico. Lutou muito contra os preconceitos da época que lhe embaraçavam seus admiráveis trabalhos, mas venceu. Paul Ehrlich investigou durante 4 anos os compostos de arsênico afim de descobrir uma substância que matasse os espiroquetas da sífilis sem atacar o tecido humano. Assim na sexcentésima sexta substância, conseguiu fabricar o salvarsan ou «606».

Haffkinem também lutou arriscando a própria vida para debelar a péste na India. Metchnikoff fez a mesma coisa sem ser médico. Koch, o descobridor do micróbio da tuberculóse, foi insultado e troçado por Virchow. Hexam só por ser o anestesista de Jarvis, teve seu diploma cassado. Dez anos mais tarde, Jarvis foi reconhecido como gênio, após a cura de centenas de doentes, recebendo então um diploma honorário de doutor em medicina. Infelizmente Hexam já estava morto para receber as palmas da vitória!

Leeuwenhoek, simples logista da Holanda, a fabricar microscópios até conseguir ver pela primeira vez o infinitamente pequeno. E' preciso ressaltar a luta titânica que tiveram de sustentar êsses servidores devotados à humanidade, contra os preconceitos, as religiões e as convenções predominantes e sobretudo contra as ameaças dos mais poderosos. As doenças não podiam ser obras de micróbios—eram castigos de Deus a seus filhos relapsos. As vacinas eram condenadas como diabólicas. A anestesía era anatematizada pelos religiosos como anti-bíblica, mas Morton, Jackson e Long trouxeram êsse grande benefício à humanidade poupando-lhe a dôr física. O sangue não podia circular nas veias e artérias, mas Harwey demonstrou o contrário. O sol é que se movia em redor da Terra segundo Josué, e Galileu por provar o contrário foi preso e torturado por longos anos.

O nosso grande Oswaldo Cruz teve de enfrentar a crítica da imprensa e os insultos do povo quando procurava debelar a febre amarela no Rio, matando os mosquitos transmissores.

Mas viver é lutar. Spallanzani após inúmeras experiências, consegue provar ser falsa a teoria da geração expontânea. O eminente Pasteur trabalha tenazmente para provar que os micróbios vêm do exterior e que são êles os únicos responsáveis pelas moléstias infecciosas, e a demonstrar que «está dentro dos poderes do homem fazer as moléstias parasitárias desaparecerem da face da terra». Foi ainda êle o primeiro a experimentar com êxito a vacina preventiva do carbúnculo e depois a curativa da raiva. Só mesmo um trabalho estafante, um esfôrço admirável e uma energia inquebrantável poderiam dar-lhe o êxito que buscava.

Koch a inocular ratos e mais ratos com bacilos de carbúnculo para provar que os micróbios eram causadores das doenças. E quanta expectativa angustiosa o aguardava si falhasse uma só de suas experiências! Depois Koch passa a demonstrar que cada micróbio é específico de uma doença até que por fim descobre e

cultiva os micróbios da tuberculose e da cólera!

Jenner, vulgarizando a vacina, Loeffler, Roux e Behring preparando o sôro anti-diftérico, Metchnikoff inventando a pomada de calomelanos e provando também serem os fagocitos os defensores das infecções, Walter Reed a provar o contágio da febre amarela pelos mosquitos, todos trabalhando para minorar o sofrimento humano. Todos trabalharam, lutaram mas venceram para o bem do próximo.

Propositalmente deixamos por último para citarmos o trabalho e o esfôrço lentos, pacientes e prolongados de Pierre e Marie Curie, não descançando até que conseguiram fabricar o maravilhoso rádio! Curie é a chave de ouro com a qual fechamos êste capítulo.

Reincarnação, doutrina provada

O Dr. Inocêncio Calderone, diretor-fundador da revista *Filosofia della Scienza* e autor da obra *Libero Arbitrio, Determinismo, Reincarnazione*, publicou em Milão, Itália, em 1913, os resultados de um vasto inquérito mundial que fez sôbre a reincarnação. Infelizmente, a guerra mundial, que estalou em 1914, não permitiu fosse, devidamente, conhecido êsse inquérito.

Para que não se perdesse tão notável esfôrço, *Les Editions Jean Meyer* extraíram e publicaram em francês, a opinião do afamado cientista Dr. Gustavo Geley, seguida das de notáveis vultos de Itália e França, como do Senador Tancredo Canonico, presidente da Côrte Suprema de Cassação, do Dr. J. Maxwell, procurador geral na Côrte do Bordeaux, do Dr. C. O. Zuretti, professor na Universidade de Palermo, do Dr. A. Ferriére, professor na Universidade de Genebra, de Charles Lancelin, autor d'«O Ocultismo e a Ciência», de Léon Denis, o grande apóstolo do Espiritismo, de Schopenhauer, de Maurício Maeterlinck, de Gabriel Delanne, de C. de Vesme, autor da «História do Espiritismo Experimental», etc. etc...

Gabriel Gobron, ilustre espírita francês que escreveu a introdução da «Reincarnação, segundo o Dr. Gustavo Geley», falando da pessoa dêle, escreve: o Dr. Gustavo Geley, que pereceu, tragicamente, num acidente de aviação, é muito conhecido na França e no estrangeiro para que seja necessário apresentá-lo longamente ao público. O Dr. Calderone não hesita em colocar o autor desta notável Bíblia da Reincarnação: «Do Inconsciente ao Consciente», ao lado mesmo de Myers, «O Copérnico do Espiritismo Experimental», segundo a justa expressão do Prof. Flournoy, da Universidade de Genebra.

Pois bem, é êste notável cientista (Geley) que escreve: A Palingenesia é, provavelmente, verdadeira, porque:

1 — Ela está de acôrdo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum.

2 — Dá a chave de uma imensidade de enigmas de ordem psicológica.

3 — Apoia-se sôbre uma demonstração positiva.

Estamos inteiramente de acôrdo com Geley.

«Nascer, morrer, renascer e progredir sempre» é um dos primeiros postulados do Espiritismo, portanto, quem não acredita na reincarnação perde 50 % de espírita.

Nestes quinze anos, em que tem passado por minhas mãos, revistas de todas as partes da Terra, tenho verificado quão popular é a doutrina reincarnacionista e, *dando mesmo vantagem*, posso afirmar, sem mêdo de errar, que 99 % dos espíritas acreditam na reincarnação.

E' tal o acervo de provas colhidas a favor da reincarnação que dela não se póde duvidar um momento sequer. Dos muitos livros em língua estrangeira, que li, recomendo apenas «As vidas sucessivas», de Alberto de Rochas, e a «Reincarnação», de Gabriel Delanne.

O Sr. Francesco Leti, no «*Mondo Occulto*», a propósito dos preconceitos contra as vidas sucessivas, escreve o seguinte:

«E' facto inconteste que os maiores espíritos (referimo-nos aquí aos mais ilustres e não à mediocridade intelectual) que passaram pela terra, creram na reincarnação.

«Esta teoria do renascimento, segundo o qual as almas saem da matéria e a ela voltam, como no oceano, o fluxo e o refluxo, na vida dos homens, a vigília e o sono; incarnam e desincarnam, entram na matéria e saem dela, de acôrdo com a lei do ritmo que preside à diástole e à sístole do coração, parece estranha e incompreensível a certas pessoas.

«Tal doutrina, porém, conta' no Oriente número incalculável de adeptos e, no Ocidente, se lhes ajuntaram homens como Sócrates, Platão, Shakespeare, Shilling, Giordano Bruno, Benjamin Franklin, Schopenhauer, Goethe, Mazzini, etc.

«Personalidades eminentes no nosso mundo ocidental, que têm feito honra ao Ocidente por sua inteligência, pela sua originalidade, pela elevação de seus espíritos, a aceitaram e creram nela, como Cícero, Schiller, Lessing, Campanella, Moore, Helmont, Leibnitz, Ramsay. E, sem pretender tê-los citado todos, mencionamos ainda: Balzac, Martin, Cudworth, Kant, Julius, Müller, Schelley, Leroux, Fourier, Tolstoi, Maeterlinck.

«Singular fascinação deve ela exercer, pois que, no Oriente, logrou congregar milhões e milhões de adeptos e, no Ocidente, teve o mágico poder de conquistar almas de escól que, no gigantesco campo do saber, deixaram, na história do mundo, a marca indelével das suas passagens, a lembrança imperecível dos seus nomes !»

De lógicas ilógicas, de espíritas protestantes e católicos, estamos fartos.

Diz um velho rifão que «contra factos não há argumentos» e, como os factos tendentes a provar a reincarnação não foram ainda desmentidos, segue-se que a REINCARNAÇÃO é uma DOUTRINA PROVADA.

Esta prova provada tem sido fornecida das seguintes formas:

a) lembranças de vidas anteriores, por espíritos incarnados e desincarnados;
b) reincarnações anunciadas;
c) Fenômenos de regressão da memória (experiências de de Rochas);
d) pela Astrologia;
e) pelas crianças prodígio;
f) pela lógica, pela doutrina, etc.

Francisco Klörs Werneck.

A Fascinação

J. B. CHAGAS

Allan Kardec, catalogou no *Livro dos Médiuns*, entre os escólhos que se apresentam à prática do Espiritismo, a *obsessão*, a qual cumpria se colocasse na primeira linha dêsses obstáculos.

Advirtindo, todavia, ser ela apenas praticada por espíritos inferiores. Os bons espíritos, diz êle, nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e se retiram, si não são atendidos. O contrário acontece com os maus — agarram-se aos que desejam fazer suas presas. Se conseguem o seu intento, identificam-se com o espírito da sua presa e a conduzem como se fôra a uma criança...

Segundo o próprio Codificador, a obsessão apresenta três variedades: *a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.*

Contudo, êle acha que a fascinação é a que encerra mais graves consequências, com o que aliás concordamos, e iremos demonstrar «o porque».

A obsessão simples carateriza-se pela imposição a outrem da vontade de um espírito, causando-lhe constrangimento do seu livre arbítrio. E' apenas desagradável êste gênero de obsessão áquêle que a sofre, pela tenacidade com que é exercida.

Todos estamos sujeitos a sofrer obsessão. O melhor *médium* está exposto a ela, muito principalmente no início do seu desenvolvimento, quando ainda lhe falta a necessária experiência e, em consequência, os meios de defesa.

Várias são as modalidades e meios

de que os espíritos inferiores se servem para nos perturbar, que o próprio Codificador chegou a constatar: — «que quasi sempre estamos debaixo da sua nefasta influência; que as nossas disposições são dêles conhecidas pelas impressões que delas transparecem em nós, e atacam-nos ordinariamente pelo lado mais fraco. E para nos seduzirem com mais segurança costumam servir-se de sugestões e engôdos conformes com as nossas inclinações». *(CÉU E INFERNO* — pag. 136).

Diante da percepção dos espíritos, o nosso corpo é de vidro puro. Lêem os nossos pensamentos, como nós lêmos num livro aberto. Conhecem muito de perto as nossas mais secretas disposições.

Várias são também as causas que originam as obsessões. Podem resultar simplesmente do determinismo da lei de afinidade, ou do princípio universalmente conhecido de que — *o semelhante atrai o semelhante*, subordinado à lei geral da atração. Muitas vezes, não passa de um simples desejo de fazer o mal: como sofre, acha que deve fazer que os outros sofram...

Mas, quasi sempre, no caso mais geral, são a manifestação de um desejo expresso e intencional, no sentido de tirar uma vingança, como um cobrador exigente a cobrar uma dívida. E quando a cobrança toma um caráter alarmante, é que os cobradores são vários e as dívidas são muitas...

Daí o aviso do Cristo: — «Reconciliai-vos com o vosso inimigo enquanto a caminho com êle na Terra!...»

Em alguns casos, êles agem a serviço de terceiros. Espíritos, já conscientes do seu estado e da vingança que desejam tirar, servem-se de espíritos atrasados, apoiados na sua ascendência, para conseguir o seu intento, tornando-os joguetes nas suas mãos.

No caso da fascinação, o trabalho dos obsessores, que se inicia por uma obsessão simples, êles procuram se impôr à confiança da vítima, fingidamente, parecendo possuidos de bôas intenções, e dessa maneira paralizam o raciocínio, relativamente ao livre arbítrio daqueles sôbre quem atuam. Tão poderosa é esta ação que póde se estender a outros indivíduos, a uma família inteira, etc.

Do estado de obsessão ao estado de subjugação, vai apenas um passo, pois, a subjugação é uma constrição que neutraliza a vontade daquêle que a sofre, tolhendo o seu livre arbítrio e anulando a sua personalidade, ou numa palavra, o paciente fica submetido a um verdadeiro jugo. Nêsse estado, existe no indivíduo duas vontades, onde uma, porém, prepondera. Não foi sem razão que os médicos psiquiátras, observando tais pacientes, constataram nêles duas personalidades, tal o dualismo das atitudes e dos gestos, demonstrados pelos mesmos.

O subjugado é, portanto, um irresponsável, uma vez que os desatinos que pratíca, independem da sua vontade. Daí os sofrimentos por que passa, sendo o mais prejudicado, por fim. Êsses tais, pela ciência oficial, ignorante das verdadeiras causas determinantes daqueles distúrbios e perturbações, são considerados loucos e submetidos ao mais selvagem dos tratamentos, duchas, chóques elétricos, «camisa de fôrça» e toda sorte de privações, mortificações e coações, nada conseguindo, por último. Nada. Comumente, os pacientes, não resistindo ás mortificações, morrem!...

Tratados, todavia, pelo método psíquico, e o psiquismo, será, sem favor nenhum, a ciência do futuro, êles, uma vez domados e doutrinados os espíritos obsessores; tratados fisicamente das lesões e dos desequilíbrios orgânicos, voltam, sãos e salvos aos seus lares, onde são recebidos alegremente pelos seus parentes, que os acolhem como saídos de uma ressurreição verdadeira!

* * *

Como foi dito de início, o Codificador, afirmou que ninguém estava isento de sofrer obsessão, todavia, nos disse e ensinou os meios pelos quais é possível o combate à obsessão. Muitos são os meios, e variam de acôrdo com o caráter que ela reveste.

O principal obstáculo à obsessão é uma vida de relativa pureza, sómente voltada para o bem; o pensamento sempre vigiado e, sobretudo, a prece pelos infelizes e sofredores.

A prece é a verdadeira couraça ou muralha sôbre a qual vão se esbater as investidas dos obsessores, sem conseguir vencê-la, quando os elementos de defesa não possuem pontos fracos ou facilmente vulneráveis, porque, nêsse caso, serão

transpostos conseguindo êles o seu intento — sobrepujar-nos!

Figuradamente êsses pontos fracos são as nossas vacilações, as nossas fraquezas, a falta de oração e de vigilância, tão recomendadas.

Dizendo mais que o seguro meio da pessoa se livrar dos espíritos obsessores, é atraír os bons, pela prática do Bem. Como é lógico, êles «só assistem aos que os secundam pelos esforços que façam por melhorar-se, sem o que se afastam e deixam o campo livre aos maus, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, visto que os bons permitem que ajam para êsse fim». *(LIVRO DOS MÉDIUNS — n.º 252).*

Assim, embora ninguém esteja isento de sofrer o assédio dos espíritos atrasados, chegámos a compreender que será obsessado quem o quiser, uma vez que conhecemos os recursos a lançar mão para evitar que ela se dê.

* * *

Agora, muito pior do que a obsessão e a subjugação dos espíritos atrasados, é a fascinação exercida pelos vivos sôbre os próprios vivos.

Para o indivíduo fascinado, a idéia mais absurda possue a evidência mais pura. Os indivíduos chamados, muito comumente, preguiçosos mentais, são facilmente sugestionáveis; aceitam qualquer sugestão alheia sem o menor exame.

No caso geral, a fascinação é grandemente ajudada pela circunstância de que o que fascina tem a arte de inspirar confiaça cega, no que faz e diz, impedindo ao fascinado de vêr o embuste ou absurdo, que salta aos olhos de todos. O predomínio que consegue impôr o fascinador é tal, que vai até o ponto de fazer o fascinado ou fascinados acharem sublimes inovações as cousas mais ridículas...

Em geral, o fascinador é dextro, ardiloso e profundamente fingído, procurando sempre fazer-se acolhido pelo emprêgo de uma máscara e pelo alardear virtudes e qualidades que não possue.

O faquirismo indiano é repleto de casos interessantes de ilusionismo coletivo. Pelo poder da força hipnótica, fazem que as pessoas vejam coisas, que na realidade não existem, tal como fazem os mágicos nos circos, com os prodígios da sua arte.

A História está repleta de acontecimentos, onde um orador fluente, possuidor de poderosa eloquência, pode apaixonar uma assembléia de milhares de pessoas.

O caso típico brasileiro é o ocorrido na Constituinte do Império com o vibrante tribuno negro José do Patrocínio, que também era jornalista, romancista e genial autor de *Motta Coqueiro*, *Os Retirantes e Pedro Hespanhol* — o qual, através da sua oratória fulminante, fizera que as mesmas pessoas que antes gritavam coléricas: — «Abaixo o negro! Abaixo o negro!» — repetissem, após a sua oração: «Viva Patrocínio! Viva Patrocínio!»

Os casos mais evidentes de fascinação, ocorreram na Itália e na Alemanha dos últimos tempos. *Mussolini* e *Hitler*, através da sua poderosa oratória, conseguiram fascinar multidões de homens, que lhes obedeciam cegamente, em tudo submissos, até o sacrifício da morte! E tudo conseguiam, porque dispunham do poder da dialética, cento por cento convicção, a ponto de não deixar margem a qualquer ponderação, do bom senso ou da razão!

Aquí mesmo no Brasil tivemos uma símile mascarada dos movimentos européus, em que um homem, também, verboso e possuidor de vigorosa dialética, conseguiu fanatizar alguns milhares de homens, que também possuiam senso e raciocínio...

* * *

Até mesmo no meio espírita, e é com tristeza que o constatámos, vemos, em certos ambientes, uma tendência muito acentuada para a fascinação de algumas criaturas, de curto raciocínio, é certo. Vão se deixando empolgar e sugestionar, a tal ponto, permitindo que anulem a sua própria vontade e o seu livre arbítrio. Grupam-se em tôrno de uma figura, que elegem em guia e mestre, tornando-se, assim, incapazes de pensar e raciocinar, por si próprios, não aceitando, outrossim, a mais ligeira sugestão ou observação de quem quer que seja! E ai daquele que tiver a ousadia moral de discordar... São taxados imediatamente de *espinhados*, *desafinados*, *obsedados*; mal assistidos, que não oram e não vigiam...

Esta é a forma típica de fascinação

pacífica, moral e intelectual, coletiva, mas cujo reflexo pernicioso a Doutrina é que vem sofrer, por fim, pela enquistação que se efetúa num meio assim fascinado, facto grandemente agravado com a creação de *famílias*... Creadas estas, elas transformam-se em pequenas oligarquias, onde só a palavra de um deve ser ouvida e seguida. Os colaboradores são transformados em servidores, para que não possam opinar ou sugerir!

Fujamos, o quanto possível, da fascinação dos *vivos*, porque da fascinação dos *mortos*, o insigne mestre *Allan Kardec*, ensinou-nos, os meios e os modos de como evitá-la!...

Nova Iguassú, Outubro de 1946.

PRIMEIRO CONGRESSO ESPIRÍTICO PAN AMERICANO

De regresso ao Rio de Janeiro o Delegado de «Revista Internacional do Espiritismo» e várias outras Entidades brasileiras, Coronel Delfino Ferreira, que presidiu o, já agora, histórico conclave.

Como de conhecimento de nossos leitores, realizou-se em Buenos Aires, de 5 a 13 de Outubro último, por iniciativa da Confederação Espiritista Argentina, da Sociedade (espiritista) «Constancia» e de organizações outras, espiritistas do país, ainda não federadas, o PRIMEIRO CONGRESSO ESPIRÍTICO PAN AMERICANO, com o propósito de organizar um movimento de idéias e propaganda no sentido de que o ideal espíritico se discuta, se estude e seja compreendido. Constituiu seu objeto principal, aliás colimado, a fundação de uma Entidade Central pan americana, a denominar-se *Federação Espirítica de América*, ou, por designação sintética, FEDA. Porque tal abreviatura fôra tomada para evitar a de FEA, de má significação idiomática no castelhano, Delfino Ferreira, nosso Delegado, sugeriu — o que foi aceito— dado que a de FEDA, igualmente era deselegante no nosso idioma, a mudança do nome para *CONFEDERAÇÃO ESPIRITISTA PAN AMERICANA*, com a abreviatura espiritica-mente simbólica de *CEPA*.

E' importante de já assinalarmos a adesão ao 1.º C. E. P. A. (que igualmente dá CEPA, em abreviatura) da Federação Espiritista Internacional, de Paris, enviando-lhe uma tése e à qual Entidade a CEPA se filiará, consoante dispositivo estatutário.

Outrossim, entre outras resoluções importantes do referido Congresso, salientamos: a rotatividade, entre os paises americanos, da séde da CEPA, e a votação por unidade nacional nos «assuntos fundamentais que impliquem fixar determinada orientação à CEPA ou trazer normas diretoras gerais de ação» e, nas questões restantes por delegações de entidades presentes, tudo, aliás, conforme pensamento brasileiro, expresso por Delfino Ferreira em carta de 11 de Setembro ao Sr. Natalio Ceccarini, de La Idéa, e de 10 ao Sr. J. S. Fernandez, de «Constancia»;—caber ao Brasil realizar o 2.º Congresso E. Pan Americano e receber, em consequência, a séde da CEPA, por 3 anos, a seguir a êsse 2.º Congresso.

Instalado o 1.º CEPA, ás 9,30 horas de 6 de Outubro, para apresentação das crendenciais, eleição da Mesa Diretora e designação de Comissões de estudo das teses e moções apresentadas, compareceram 33 dos 42 representantes acreditados, os quais, na véspera, haviam sido solenemente recepcionados na séde da CEA, às 20,30, em reunião pública, como todos os atos do Congresso o foram, realizando-se, então, magnífico programa artístico.

Aberta a sessão do dia 5, pelo Presidente da Comissão Organizadora, Sr. Hugo Nale, Presidente da Conf. E. Argentina, e realizada a primeira parte das atividades em pauta, passou-se à eleição da Mesa. Por proposta do Sr. Abrogrado, unanimente aplaudida, com calorosa salva de demoradas palmas, que refletiram o sentimento e a admiração dos confrades argentinos pelo Brasil, foram aclamados Presidente, Delfino Ferreira, e 1.º Vice Presidente, dr. Paulo Hecker, êste, representando o «Jornal Espírita», de Porto Alegre, e aquêle: a Liga Espírita do Brasil, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, a Federação Espírita do Paraná, nosso jornal «O Clarim», e esta Revista.

Completaram a Mesa: 2.º e 3.º Vice Presidentes, os srs. H. Nale e Engenheiro J. S. Fernandez; Secretário Geral, sr. L. Di Cristóforo Postiglioni; e 1.º, 2.º e 3.º Secretários, srs. Antonio Melo, Santiago Bossero e Vicente Bianco.

Após palavras de congratulações do Presidente H. Nale, por este é convidado Delfino Ferreira a substituì-lo no alto posto, empossando-se, então, debaixo das mais vivas manifestações de entusiasmo o Presidente do 1.º CEPA.

Sob idênticos aplausos, empossa-se o 1.º V. P., dr. Paulo Hecker; e, sucessivamente, também vivamente aplaudidos, os demais membros da Mesa, que, isentos seus membros de suscetibilidades hierárquicas, atuou a contento geral, com o único empenho de que o 1.º CEPA atingisse suas altas finalidades, mercê de Deus, plenamente alcançadas com o melhor êxito possivel.

Em relação à constituição das Comissões e apòs aprovação do Regulamento das Discussões, o plenário resolveu, por unanimidade, confiá-la ao critério da Mesa. Destarte, ficaram as mesmas assim constituidas, resolvido préviamente que o Presidente e os Vice Presidentes não integrariam nenhuma, reservando-se à tarefa de assessorá-las:

1.ª Comissão:—*Os valores da Filofia Espirítica:* Titulares: Carlos L. Chiesa, Humberto Mariotti e Fernando Aydecê; *Suplentes:* Angel Latour, Roberto Oliva e José Chindamo.

2.ª Comissão:—*A Filosofia espirítica e a Ciência:* Titulares: Eugenio P. Fioravanti, Genero Tessone e Bienvenido Roque; *Suplentes:* Mario Esusy, Arturo Gilly (filho) e Ramon Santos.

3.ª Comissão: - *A Filosofia espirítica e a Moral*: — Carlos Castineiras, Bernardino Paixão Coelho (do Brasil) e Natalino Ceccarini (f.º); *Suplentes*: Dante Culzoni, Laureano Fanjul e Amadeo Fagnani.

4.ª Comissão: — *Sociologia espirítica*:—Italo Luraghi, Santiago Bossero e Oscar Vicchí; *Suplentes*: Albíreo Varcon, Nicolas Galasso e José Varguetto.

5.ª Comissão:—*Estatutos da CEPA*: —L. Di Cristóforo Postiglioni, Naum Kreiman, Santiago Bossero, Manuel Paixão Coelho (Brasil) e Bienvenido Roque; *Suplentes:* Antonio Melo, F. Garcia Romanó e Juan R. Lopez.

6.ª Comissão:—*Organização do Movimento Espirítico:*—Felipe C. Avogadro, M. Rinaldini e Mário Incerti; *Suplentes:* L. Di Cristóforo Postiglioni, Carlos Lecumberri e José Garmendia.

7.ª Comissão: — *Assuntos vários:* — Vicente Bianco, Enrique Dillac e F. Garcia Romanó; *Suplentes:* Antonio Marchi, Juan R. Lopez e Bernardo Chaves.

2.ª Comissão (bis): — Os mesmos da 3.a, para estudo de moções apresentadas em plenário, substituido o relator, C. Castineiras, que teve de retirar se para o interior, por força maior, pelo Delegado, recem chegado, então, de Porto Rico, dr. José A. Vasques.

Foram relatores das comissões acima, respectivamente, srs: H. Mariotti, E. Fioravanti, C. Castineiras, S. Bossero, B. Roque, Rinaldini, V. Bianco e, como ficou dito, J. A. Vasquez.

O Brasil teve no Conclave os seguintes Delegados:

1—Delfino Ferreira e Paulo Hecker, com as representações já noticiadas;

2—Os irmãos Manuel e Bernardino P. Coelho, representando, do Rio Gr. do Sul, os C. E. «Trabalhadores de Jesus», da cidade de Rosário e «Caridade», da de Livramento;

3—L. Di Cristóforo Postiglioni, representando a Sociedade de Medicina e Espirítismo do Rio de Janeiro e a «Tribuna Espírita», de S. Paulo;

4—Henrique Dillac, representando a Confraternização Lar de Jesus e o Lar de Jesus, de Nova Iguassú, E. do Rio de Janeiro;

5—Mario Essuy, representando, em substituição a Edgard Marques Guimarães, que desencarnou após sua adesão ao Congresso, a Sociedade Espírita Allan Kardec, de Porto Alegre.

Outrossim aderiram, individualmente: dr. Henrique Andrade; dr. Klörs Werneck; dr. L. de Azevedo Sila; Prof. Arnaldo Santiago; Prof. Leopoldo Machado; José Marques Guimarães (falecido); dr. Paulo Hecker; Prof. Ismael Gomes Braga; Isaias Alberti e Ruy Vargas.

Também aderiram, mas não se fizeram representar: Federação Espírita Brasileira; Hora Espírita Radiofônica (suspensa); Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

Para a última sessão plenária e atos de encerramento do Congresso, compareceu, do Uruguay, o sr. Danti Beleti, representante da Sociedade «Hacia la Luz», até então representada pelo suplente, sr. C. Chiesa.

Nosso Delegado, sr. Delfino Ferreira, Presidente do Conclave de que nasceu a CEPA, a nenhuma de suas reuniões deixou de comparecer; e, dado haver o plenário resolvido tomasse êle parte nos debates, nestes apenas atuou quando julgou indispensável. Mesmo assim falou em plenário, além de quando se empossou e encerrou a última sessão, 3 vezes: para explicar o pensamento brasileiro sôbre o aspecto religioso do Espiritismo, e, assim, definir o que entendemos como Religião; para igualmente definir a amplitude do termo Cristianismo, em face do Cristo cósmico, daí o transceder Cristo de Jesus; e, por último, sôbre Kardec, como Bandeira do movimento espirítico universal e não apenas como homem, donde o seu direito a todas as homenagens que, por isto, deixam de ser feitas ao indivíduo propriamente, perdendo por consequência todo sentido de personificação.

Consoante o programado coube-lhe realizar uma conferência sôbre as finalidades do Congresso, na qual, a pedido, alargou-se sôbre o Espiritismo no Brasil e as causas de sua difusão.

Na festa de encerramento discursou sôbre os ideais do Espiritismo com base no sentimento cristão, dia em que o dr. Hecker, satisfazendo solicitação realizou formosa conferência sôbre a Prece, sua razão de ser, seu poder.

O Espiritismo argentino que se vem caracterizando por seu aspecto cultural, do ponto de vista filosófico e científico, parece irá sofrer profunda modificação, passando a orientar-se pelo padrão brasileiro, graças à representação de nosso país ao certamen, principalmente pela palavra veemente, entusiástica e vibrante do dr. Hecker e a didática de nosso representante, Delfino Ferreira, também vibrante por vezes, embora não incendiadora dos tribunos, como Hecker.

Não somente, porém, pela oratória atuou o Dr. Hecker, dado que muito e muito colaborou na feitura dos Estatutos da CEPA, estudados em conjunto, por êle, Delfino, o Relator, sr. Roque, uma grande inteligência, aliás, Kruman, Nale, Manoel e Bernardino Coelho, e outros membros da Comissão, no Hotel, em hora avançada da noite.

—

Pelo resolvido no Congresso, consoante os Estatutos de CEPA, poderão filiar-se à mesma, tendo voz, mas não tendo voto, pessoas e Entidade não arregimentadoras de Centros, como Bibliotécas, Periódicos, Associações Culturais, etc., de orientação espirítica, mediante a anuidade, as pessoas; de 15 pesos (Cr $ 75) e as entidades, 25 pesos (Cr.$ 5,00, o peso). As Entidades federativas, estas pagarão 100 pesos anuais e terão 2 votos; as Entidades federativas menores, 50 pesos.

Os pedidos de filiação deverão ser feitos por escrito, acompanhados dos comprovantes exigidos pelos Estatutos.

—

Oportunamente publicaremos a íntegra destes.

O Espiritismo não se estriba em dogmas e rituais e em imposições filosóficas. Firmemente erguido na rocha da Imortalidade da Alma, comprovada pelos factos que cotidianamente se verificam em toda a parte do globo, êle esclarece todos, sábios ou ignaros, acendendo em cada coração e em cada cérebro a luz da fé raciocinada, que orienta com acerto e faz a criatura suportar e vencer com estoicismo todas as provações, todas as dificuldades inérentes aos espíritos em evolução no mundo terreno.

Porisso que, em vista do fracasso das religiões, filosofias e ciência, o Espiritismo é tido como o único intérprete do véro Cristianismo, resolvendo cabalmente todos os problemas que preocupam os homens.

CAIRBAR.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland (Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Logo após a morte de Virginia R, atriz de cinema que faleceu em S. Francisco, o espírito da moça foi levado por Olive T. ao nosso círculo, afim de ser elucidada e, a seguir, Olive T. se manifestou pela médium.

Sessão de 19 de abril de 1922

Espírito: Olive T. — Médium: Sra. Wickland

Senti que devia voltar e agradecer-vos a felicidade de que gozo, desde que aquí vim.

Durante a nossa infância deveriamos aprender a verdadeira lição da vida e compreender a nossa existência em seu sentido real. Dever-se-ia ensinar tal coisa nos filmes. Se se projetasse no écran quadros de verdadeira realidade, do verdadeiro conhecimento e se se ensinasse ao povo que não há morte, se lhe falasse das belas condições do outro lado da vida que aguardam a todos, o mundo seria muito diferente.

Vivi num ambiente de aparências em que procuravamos divertir a humanidade terrena. Lastimo as moças que se entregam à vida de esportes. Pensam que agem bem, sim, mas por um tempo. Há, porém, sempre, uma vozinha — a consciência — que se faz lembrar, embora a procurem sufocar. Ah, se eu pudesse falar ás moças, dizer-lhes da tolice de tal vida! Ah, se eu lhes pudesse falar da vida superior e mostrar-lhes a realidade de tal vida! Ensinariamos a viver uns pelos outros, não para si próprios. Ensinariamos ás moças os princípios da vida, não a falsidade.

Uma coisa que é danosa para a humanidade é a bebida, e também a morfina. Como as coisas vão, estão elas levando os rapazes e as moças para a infelicidade. Condena-se tais males, mas não se age, e o que se lucra então? Arrastam a mocidade para o abísmo, porque basta que as leis proibam tal coisa para que se faça uso delas. Quanto mais proíbidas, mais procuradas são.

Há ainda outra coisa. Como sabeis, o pensamento de milhares de pessoas está concentrado em uisque e outras bebidas alcoólicas. Quando alguém bebe, mil pensamentos deletérios se projetam sôbre tal pessoa e ela fica como louca. E aí começa a descer, sempre a descer.

O mundo devia viver sempre aprendendo as maravilhosas manifestações da divindade. Deus é a Vida do Todo, e o homem é o demônio. Quando me refiro ao homem, quero dizer a humanidade. Deus nos dotou de um livre arbítrio e nós abusamos dêle. O mundo devia aprender as verdadeiras lições do Cristo. Dizem eles «Não fez o Cristo vinho?» E não o deu ao povo? Não se compreendeu que se tratava do Vinho da Vida. O Cristo falou em sentido espiritual. A maior parte pensa que êle falou de coisa material.

Compreendei bem a Deus. Não O temais. Êle não é um homem sentado no trôno, mas o Espírito de Toda Vida. Tudo que o cerca é uma parcela da Vida Divina. O mal está onde o bem existe. Se não houvesse o mal não se poderia distinguir o bem. E' por meio das experiências que passamos, que aprendemos as lições da vida, que adquirimos sabedoria e conhecemos a vida eterna que jaz diante de nós.

Minha salvação no mundo espiritual chegou quando achei a verdade, porque vivia na desgraça. Depois que passei pelo fogo da consciência, purifiquei-me. Estava anciosa para encontrar a verdade e depois que achei não havia mais dúvida. Queria paz e harmonia e estava pronta para elas. Depois que o meu espírito passou pelo fogo da consciência, encontrei a Deus dentro de mim mesma, não fóra.

Procurai a Deus e dai-vos por

contentes. Aprendei a julgar a vós mesmos antes de julgardes o alheio. Sejamos amigos de todos, bons para todos, e façamos o bem sempre que pudermos. Conquistemo-nos a nós mesmos.

Quando algo surgir dentro de vós para atormentar-vos e levar-nos à colera, à bebida e à toda espécie de vícios, dizei a vós mesmos que não tendes raiva e que não quereis entregar-vos ao que quer que seja. Então, ao em vez de dizer algo a outro, levantai-vos, dai uma volta e vossa colera se irá, porque não quereis dizer aquilo a que se vos impele e, assim, muitas vezes, tereis paz.

Quando alguém se entrega à cólera, diz coisas de que depois se arrepende, coisas que muitas vezes não são esquecidas. Pensemos sempre que a cólera quiser dominar-nos. E digamos «Não, não me vencerás. Quero olhar para cima e não para baixo. Eu te domino. Não te darei guarida e não me atormentarás!»

Estava então encolerizada e isto foi a causa da minha morte. Que fiz? Matei-me! Não queria propriamente matar-me, mas fi-lo em um momento de raiva. Dominai-vos antes que seja muito tarde. Vencei a vossa cólera antes que ela vá muito longe.

Fui dominada pela raiva e o que aconteceu? Suicidei-me. Quando despertei no outro lado da vida, vi o que havia feito e fiquei angustiada. Fui vencida pela raiva, pela raiva e o egoísmo.

Aprendamos a dominar os nossos maus pendores e, quando o momento de raiva vier, digamos: «Para trás, Satanaz». Dominai-vos antes que os maus espíritos tomem conta de vós. Se eu tivesse feito tal coisa, nada me teria acontecido.

Se eu pudesse falar a todo mundo da vida que um dia viverá e lhe mostrasse quadros da verdadeira vida e dos ensinamentos de Jesus, certa estou de que muitos se emendariam e se tornariam bons homens e boas mulheres.

Sou Olive T. — Boa Noite.

Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel

8.a P.—Si a assistência do alto não falta ao homem de bem, bem intencionado, porque Kardec, sendo um missionário, defrontou-se com mistificadores?

R.—«A luta será sempre o meio de auferir realizações espirituais e todos os missionários da luz serão defrontados pelos elementos da sombra, como os médicos são procurados pelos doentes. O próprio Cristo suportou o assédio de seus adversários até à cruz do sacrifício supremo.»

9.a P. — O Espiritismo até aqui aceita a possibilidade dos espíritos reincarnarem em corpo, ora masculino ora feminino; póde isto verificar-se sem prejuizo para a linha típica do espírito e a individualização da alma?

R.—«Póde verificar-se, de acôrdo com a tarefa a que o trabalhador deve atender ou segundo a provação retificadora necessária à edificação do aprendiz, sem prejuizo da linha típica de evolução e aperfeiçoamento da alma.»

10.a P.—Si todos individualmente possuem proteção, devemos daí concluir que toda sessão espírita é bem assistida?

R.—«Os espíritos do Bem atendem às necessidades de todos os lugares e criaturas e assistem, desvelados, o trabalho de todas as organizações espiritistas. Urge, todavia, considerar que há companheiros que se abandonam aos sêres inferiores, ignorantes ou imprevidentes e conduzem com a sua presença, as companhias invisíveis que escolheram.»

11.a P. — Si a virtude nos dá o dom de curar, porque as curas existem mais no baixo espiritismo?

R.—«A verdadeira cura é a do espírito para a vida eterna.

12.a P—Para toda cura física é

necessário o instrumento mediúnico?

R.—«As melhoras físicas ou a saude relativa do corpo terrestre não dependem exclusivamente de intermediários que podem, por vezes, colaborar nessas realizações. Dependem, com mais expressão, do próprio interessado que deve elevar o próprio valor, melhorando-se no quadro do merecimento para que a esfera superior encontre possibilidades de dotá-lo com os recursos precisos à restauração do próprio equilíbrio.

13.a P.—Os médiuns com tarefas definidas possuem especialização mediúnica no campo de suas atividades?

R.—Há especializações mediúnicas, naturalmente, como existem nos mais variados círculos de serviço, dependendo isso da vocação do trabalhador, sinceramente devotado à tarefa escolhida».

14.a P.—O bom médium por ser assistido por um Alto Espírito, infere-se daí que êle esteja apto a receitar?

R.—«Cooperar no campo da medicina, mesmo em caráter exclusivamente espiritual, depende do trabalho que o servidor foi chamado a atender.»

15.a P.—As «Almas Gêmeas» é criação de Deus ou conquista do espírito?

R.—«A ligação inicial das almas é o problema da Criação Divina, compreendendo-se, porém, que as lutas em comum estabelecem igualmente, entre as criaturas os mais santos laços de fraternidade e de amor.»

16.a P.—E' possível atingirmos o ápice do amor sem conhecermos o afeto das almas gêmeas?

R.—«Nesse sentido somos de parecer que, em tempo algum, devemos esquecer do «amemos a Deus sôbre todas as cousas, com toda a nossa alma e coração, e ao próximo como a nós mesmos.» Quem atingir essa edificação terá alcançado o ápice do amor, suscetível de compreensão na terra, compreendendo-se embora a santidade dos laços entre as almas gêmeas.»

NOTA — Conforme prometemos, publicamos hoje, a continuação das respostas de Emmanuel dadas a nossa irmã em crença, senhorita Zilda Portugal, filha do nosso confrade e amigo Francisco Portugal e de sua esposa senhora Carolina Portugal, residentes em Petrópolis.

SPÁRTACO BANAL.

Crônica Estrangeira

Estranho caso de telepatia na Itália

Uma menina de 3 anos «viu» o pai morrer em alto mar, quando seu barco de pesca bateu numa mina

VENEZA, 28 (A. F. P.) — Um curioso caso de telepatia foi registrado na vila de pescadores de Chioggia, nas costas do Adriático.

Uma garotinha de 3 anos, chamada Josefina Sfrisco, interrompeu seus brinquedos para ir dizer à sua mãe: «mamãe, papai está morrendo», e explicou que havia «visto» seu pai com a cabeça ensanguentada. E acrescentou: «não poderá trazer o tricicle que me prometeu».

A senhora sabia que o seu marido, pescador, estava no mar, e não deu muita importância ás palavras da criança e contentou-se em consolá-la.

Algumas horas mais tarde veio a saber da terrível morte de seu marido, cujo barco saltára em alto mar, depois de ter batido numa mina submarina.

O corpo, que fôra encontrado, apresentava na testa um enorme ferimento.

Explica-se êsse fenômeno de telepatia pelo facto de que no momento de morrer, o pai que nutria grande afeição pela filhinha, nela pensou.

De «A Noite», de 28-10-946, do Rio de Janeiro.

A partida de um Anjo

Ernesto Bozzano reproduziu de «Light»:

O Dr. W. T. O' Hara, médico de um transatlântico da «White Star Line», narrou que numa viagem a Yokohama, fôra entregue aos cuidados do capitão uma menina de 10 anos, que ficara órfã e que regressava ao Japão, onde a esperavam alguns parentes. Era tão graciosa, tão boa, tão inteligente, que logo conquistou os corações de todos os membros da equipagem, mas, principalmente, dos oficiais de bordo, inclusive o médico que relata o facto. No mar da China, a menina adoeceu gravemente e, apesar de todos os cuidados, foi piorando e todos perceberam que o desenlace seria fatal.

Nêsse ponto o médico relata que, estando à cabeceira da menina, começou a experimentar a sensação inexplicável de uma *presença* no camarote, embora nada visse ao seu derredor. Cada vez mais fraco se lhe tornava o pulso e o doutor observava anciosamente as mudanças que se operavam na expressão do rosto, quando de súbito o camarote começou a iluminar-se de maneira misteriosa, se bem ainda viesse longe a alvorada. Em breve aquela luminosidade se tornou brilhante, como a aurora quando o sol está prestes a romper. Em seguida pareceu condensar-se numa radiosidade palpitante, com ondulações azues, brancas, doiradas, que se concentravam em tôrno da cabeça da pequenina enfêrma. Durou isso algum tempo; depois tudo se dissipou, voltando o camarote a sua semi-obscuridade, onde uma lâmpada fraca e velada era a única fonte luminosa.

Durante a produção do fenômeno, a doentinha olhava para o médico com ar de quem desejava pedir explicações, e murmurava: «Olhe! Olhe! Como é belo!» E, dizendo isso, os dedos de sua mão apertavam convulsivamente a mão do médico, cuja narrativa continua assim:

«De-repente, ela dirigiu o olhar para o alto. Também eu olhei na mesma direção e vi, rente ao fôrro, por cima da sua cabecinha, formar-se um globo luminoso, de contornos indefinidos, resplandecente como um farol envolvente em densa nevoa. Aumentou lentamente e por fim se tornou uma esfera brilhante, de luz branco-azulada, em que parecia palpitar a vida.

Também dessa vez a doentinha me olhara, murmurando: «Olhe! Olhe!»

Lentamente aquêle globo luminoso desceu sôbre a menina e lhe envolveu a cabeça, imprimindo ao semblante suave da criancinha sofredora, uma glória de radiosidade espiritual literalmente angélica. Jamais me fôra dado assistir a uma visão de semelhante beleza.

Enquanto o globo luminoso girava e brilhava em tôrno da cabeça da moribunda, senti que sua mão apertava a minha, ao mesmo tempo que um ligeiro tremor lhe perpassava o corpo. Ela fez um débil esfôrço para levantar a cabeça, exclamando com voz fraca e destacando as palavras: «Oh! mamãe, mamãe! Sim, sim, vejo a estrada radiosa. Como é bela! Como tudo resplandece!» A voz se extinguiu num fraquissimo sussurro incompreensível, ao mesmo tempo que o globo se elevava de um salto, atingia o teto e desaparecia. A cabeleirinha anelada da menina recaiu sôbre o travesseiro. Percebi-lhe no corpo uma ligeira contração dos músculos, os dedos se relaxaram, o pulso se tornou imperceptível, dos lábios se lhe escapou um ligeiro suspiro, enquanto o seu rostinho de anjo se tornava branco, branco como o linho. Ajoelhei-me, deixando correr as lágrimas que se me estrangulavam na garganta. Achava-me alí a sós com minha mortazinha.

Cruzei-lhe sôbre o peito as mãozinhas e maquinalmente consultei o relógio: eram duas horas e trinta da madrugada. Estando eu ainda ajoelhado, a porta do camarote abriu-se e entraram o capitão e, em seguida o primeiro e o segundo, oficiais e mais dois oficiais substitutos. O capitão aproximou-se do leito, pôs a mão na fronte da morta e, voltando-se para mim, disse:

«Já o esperava». E acrescentou: «Doutor, não acredito absolutamente em fantasmas, nem nos espíritos, ou coisas semelhantes e acho que entre nós não há quem o acredite. Isto, porém, não obsta a que eu e êstes quatros oficiais declaremos ter assistido, nêste mesmo instante, a alguma coisa de extraordinário e essa «alguma coisa» era tão distinta e real, que exclui

qualquer possibilidade de ilusão. Vimos um globo de luz azulada, que parecia um fogo de santelmo em tempestade. Apareceu por cima das nossas cabeças, no pequeno salão de fumar e, estando nós a olhá-lo, êle atravessou o salão, dirigindo-se para a porta. Aí, parou um instante, depois dirigiu-se para a porta dêste camarote. Vendo isto, disse eu aos meus companheiros: «Rapazes, a nossa angélica criança acaba de morrer, nêste momento».

ESPIRITISMO NO BRASIL

2.° Congresso Espírita Nordestino

(Sua influência na Bahia)

A gentileza sem nome dos queridos irmãos alagoanos exigiu—exigência cristã, que honra e dá prazer! — nossa presença em Maceió, na vígência do Congresso.

Tivemos, assim—aliás, muito gostosamente! — de alienar outros compromissos para corrermos até êle. E tomamos passagem no C. B. Y., da *Cruzeiro do Sul*, para a capital alagoana, avião que devia sair a 20 de setembro, exatamente no dia da abertura do certamen.

A viagem foi alterada para 30.

O primeiro precalço.

Em Salvador, uma hélice enguiçada. O avião teria que pernoitar aí.

O segundo precalço.

Uma Semana Espírita, vibrante, na capital de nosso Estado. Uma festa espiritual de confraternização cristã, programada por cinco entidades sociais: *União Espírita*, a veneranda instituição fundada por José Petitinga; *Instituto Kardecista, G. E. «Deus, Cristo e Caridade, Confraternização Espírita Baiana e Juventude Espírita.* A sessão, no *Deus, Cristo e Caridade*, sediado no Fabricio, conforme descobrimos a custo, que seria triste para nós passarmos uma noite na Bahia, nós, que viajavamos a serviço da Doutrina, de braços cruzados, sem contato com irmãos da terra.

Chegáramos, estava a tribuna ocupada por ilustre confrade e o salão repletissimo. Os promotores da comemoração à mesa, presidida pelo ilustre confrade Ricardo Machado. O «Deus, Cristo e Caridade» está de séde nova, ampla e bonita, bem posta e bem apresentável, vivendo um programa de ação digno de louvores. Os nossos, aquí lho deixamos, embora mereça bem maiores...

Ouvido o orador do dia, o irmão Ubaldo Freitas, numa peça longa e substanciosa, dissemos quatro palavras, embora cansado e suarento, dizendo nossa imensa alegria em encontrarmo-nos, embora acidentalmente, no meio espírita baiano, em contato com irmãos queridissimos.

E foi um matar de saudades, sem conta, que só acabou a porta do *Palace Hotel*, á meia noite, quando, então, nos deixaram o Eusinio Lavigne e o Abilio Silva Lima.

* * *

O avião teria de sair na manhã seguinte. Saída alterada para a tarde.

Mas, só saiu na madrugada de 2 de Outubro.

«Eu sabia que você passaria pela Bahia e ficaria êsses dois dias, sem o esperar, conosco, que minha mulher, *médium* sem querer ser espírita, recebera», disse-me ilustre confrade baiano.

«Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos».

A prova aí estava desta verdade mediùnica transmitida por Augusto Comte.

Corremos, então, ao Barbalho, ao almoço com o Eusinio Lavigne, esta criatura simples e bôa, generosa e cavalheiresca. A' mesa, conosco, o Abilio Silva Lima e o Alfredo Miguel, dois vultos inconfundiveis do Espiritismo em Salvador.

Todos, menos o Miguel, se abstiveram no vinho claro, provocador.

O Alfredo Miguel, enchendo o copo, justificou-se:

«Os apóstolos também beberam vinho!»

—E é sómente nisto que você procura imita-los? — perguntou-lhe uma *voz perversa*, provocando risos. E a todos, a senhora Lavigne, gentilíssima e acolhedora, havia posto à vontade.

A' noite no *Instituto Kardecista,* a reunião.

Aí comparecemos novamente sem ser esperado.

A palavra da noite, da prof.a Raquel Ribeiro, uma grande amizade nossa e um belo coração e inteligência de mulher postos a serviço da Doutrina.

Generosa, deixou-nos algum tempo para atuarmos no programa.

Dissertámos sem tempo e sem tema sôbre a ação do Espiritismo em geral, salientando, principalmente, primores do Espiritismo de vivos, que andamos a prègar, para desespêro mal sopitado de um militar da aviação que, acostumado a conversar com os seus defuntos de Espiritismo de linha, parece que não gostou da coisa. Por isso foi retirado dalí por seus guias ou por nossos amigos, a resmungar...

Ricardo Machado, eloquente como sempre, fala depois.

Sua peça, eivada de um defeito enorme: ser muito lacônica.

E foi só.

A LUZ DA VERDADE, a folha espírita que a União Espírita Baiana pusera em circulação, como parte das mais importantes da Semana e da Homenagem a Allan Kardec.

Grande, bem colaborada, bem impressa, dirigida por Silva Lima, Alfredo Miguel e a figura de moço entusiasta e realizador de Heitor S. Cardoso.

Luz da Verdade, que saiu como órgão da *União Espírita Bahiana* continuará na liça jornalística feita orgão do Espiritismo bahiano, porque patrocinada pelas outras instituições espíritas: o *Instituto Kardecista* e a *Confraternização Espírita* e a *Juventude.*

Bravos! que a hora é, realmente, de aproximação, de concentração de energias num mesmo sentido para maior rendimento nos trabalhos e melhor difusão da Doutrina.

E os exemplos de União e compreensão de solidariedade cristã que daí decorrerão?

Trouxeramos, a par disso a promessa — e dos lábios de quem promete para cumprir o que prometeu! — de que o Congresso Espírita Bahiano, estadual e de confraternização, sairá em 1947.

Aguardêmo-lo!

(Impressões ligeiras de seus dois últimos dias)

Só tivemos a dita de comparticipar do Congresso, nos seus dois últimos dias.

Com que pesar o dizemos!

A's 2,30 da madrugada, todos os passageiros despertos, para rumarem à Agencia da *Cruzeiro do Sul.* Ao aéreo-porto, ainda com o escuro. O avião, porém, só levantou vôo ás seis horas. Nós, cansado e sonolento...

A' nossa espera, congressistas. Parece que «o grosso da tropa». E foramos ali mesmo, para a admiração dos demais passageiros, saudado. Recebemos palavras de boas-vindas de todas as delegações ao Congresso, a começar pela senhorinha alagoana, Creusa Mauricio Chaves, enleiada e tímida. Era a primeira vez que falava. Abençoada estréia! Depois, o capitão, Nelson Kerenski, Felipe Soares de Melo, Martins Peralva, Masulo Melo e Pedro Correia, respectivamente em nome de Pernambuco, Paraíba, Sergipe, R. G. do Norte e Ceará, espíritas. Honra e emoção para nós!

E rodamos para a cidade, a 20 quilómetros.

Descanso antes do almoço, com o Erasmo Porangaba, que o jantar foi com o grande amigo, Fernando Malta de Campos.

A visita à penitenciária do Estado, à tarde.

Algumas centenas de prisioneiros — e muitos jovens, ainda imberbes, santo Deus!—foram levados ao salão. Aí, falamos-lhes, o Capitão Kerensky e nós, proferindo Erasmo Porangaba a prece. Falamo-lhes com o coração, a lembrar-lhes que nem sempre o crime é maldade, pois pode-se cometer crimes sem o espírito do mal. Procurando demonstrar o que afirmavamos, entramos na essência do Evangelho, salientando que «o Pai tanto abomina o pecado quanto ama os pecadores». Olhos rasos dágua, fisionomias tristes e frontes baixas, emoção e interêsse na parte de muitos revelavam que estavamos colimando o objetivo cristão.

De saída, um prisioneiro muito jovem quer saber nosso endereço e nome.

Satisfazendo seu desejo, quisemos, de nossa parte, saber porque estava alí.

— Crime de homicídio. Mas, se eu, antes, tivesse ouvido alguém me falar assim...

* * *

Daí, para o lanche com o Porangaba, todos os congressistas.

Uma reunião íntima, para reajustamentos e troca de impressões, no sentido de que os próximos congressos de confraternização a realizar-se na zona, logrem melhor resultado e maior desenvolvimento.

Perfeita harmonia e puro espírito de solidariedade e afetividade cristã que não desiludiriam os cristãos primitivos, se nos vissem, graças a Deus!

Entusiasmos e desejos de agir para o bem da parte de todos!

A' noite no Centro Espírita «Melo Maia», mais uma reunião para leitura, discussão e votação de teses, em que apresentaramos nossas credenciais. Tudo, nos velhos moldes clássicos dos congressos em que, não raro, a teoria supera o espírito prático que deveria ser colimado em tais certamens.

Apresentamos, então, nossas representações.

E lemos, analisando e comentando as lições magnificas, a bela e expressiva mensagem que o grande espírito de Emanuel enviou ao Congresso, psicografada por Francisco Candido Xavier.

* * *

Ultimo dia do Congresso: 3 de Outubro!

E que dia cheio de utilidades, emoções e cordialidades cristãs!

A primeira, a festa da criança, no Cine-Arte, que se encheu de crianças.

As escolas *Zaneli Caldas*, o *Grupo Escolar Antonio Pombo*, a *Bezerra de Menezes* e do *Orfanato S. Domingos*, a *Zilda Gama*, *Terezinha de Jesus* ali compareceram com o grosso de sua meninada.

Primeiro, um programa de filmes, embora nem todos fossem, por suas cenas de *far-west*, próprias para crianças de escolas espíritas. Depois, Joaquim Leão e nós a conversar com as crianças por algum tempo. E que intensa alegria de todos!

Bateram-se chapas fotográficas do ato, como, de resto, de todos os passos mais relevantes do certamen!

* * *

O almoço, com o Jaime Xavier, na Pajussara.

Depois, com o Odilon Canuto, para o *Orfanato S. Domingos*.

Os 240 internados, todos metidos em cuidado uniforme branco, a postos.

O S. Domingos é uma dessas obras que, por sua séde, seu programa de ação e sua atual direção, honraria qualquer doutrina, qualquer meio.

Esteve, por um golpe de fôrça tão comum durante o celebérrimo «Estado Novo» de triste memória, com o oficialismo dominante na terra, durante seis anos. Voltou, em Abril último, para os espíritas, deixando a impressão de alguma coisa que tivesse, durante os seis anos de oficialismo, suportado terrível tufão, a ponto de tombar destruído de todo.

Aí, o confrade pernambucano, José Azevedo, e nós, falamos ás crianças.

O José Azevedo, chorando mais do que falando, de emocionado.

* * *

Na séde da Federação Espírita Alagoana, às 16 horas, para uma reunião de moços.

Dessa reunião, resultou a fundação da *Juventude Espírita Alagoana*, cuja integração e posse de sua diretoria seria logo mais, à noite.

Diretoria e mentor eleitos livremente ali mesmo.

O mentor, o velho espírita, dedicado à causa e queridissimo no meio, Americo Pereira.

A diretoria, eleita por aclamação foi a seguinte: Pres. senhorita dra. Maria Zilda Duarte Bezerra; Secr.a senhorinha Eladia Ribeiro de Alencar; tes. Manoel Coelho Neto; Bibl. e Dir. Propaganda srtas. Neli Pereira e Silva e Maria Olivia.

A posse foi solene, todos assinaram o termo e ocuparam lugares à mesa.

Improvisaram emoções o mentor e a presidente.

As flores que enfeitavam a ampla mesa foram transformadas em moedas para os primeiros fundos da caixa de expediente, propaganda e excursões da JEA.

Esta, a segunda parte do programa da noite, que a primeira foi consagrada ás palavras de despedida proferidas por um representante de cada legação. A terceira parte do programa, a inauguração do retrato de Alan Kardec, posto em artística moldura. O retrato fôra descoberto pela presidente da JEA, e o discurso

inaugural, proferido pela senhorinha, dra. Antonieta Duarte.

A última parte, a nossa palestra.

E assim, encerrou-se o *2.º Congresso Espírita Nordestino*, de cuja atuação sairá, brevemente, um opúsculo contendo as teses e noticiário completo, embora sintético. Para tanto, Lafaiete Melo, Erasmo Porangaba e Arlindo Colaço, representando a vontade de todos, vão envidar esforços.

O meio espírita alagoano tem alguma coisa de diferente.

Todos os seus centros espíritas — e não são poucos! — são kardecistas.

Não se conhece aí, ainda, êsse tal «espiritismo de linha». Nem existe aí, como por cá e alhures, macumba e cangerê disfarçado com o nome de espiritismo. Quasi todos os centros mantem escola. E' a única cidade brasileira que tem um grupo escolar impressionante com uma matricula de 500 alunos.

Uma cidade, numa palavra, em que já existia «espiritismo de vivos», antes que a expressão e o programa aparecessem.

Só lhe faltava uma juventude espírita, que foi fundada em circunstâncias impressionantes e sob os melhores auspícios e augúrios.

Quanto ao êxito de seu Congresso, basta comentar o que um congressista ouviu de lábios profanos, numa conversa de bonde: «Parece que os padres sumiram e entregaram a cidade aos espíritas».

Os irmãos espirituais de Maceió têm, a estas alturas, razões sobejas para estarem satisfeitos.

Que Deus os proteja!

Leopoldo Machado.

Em Belo Horizonte, com velhos amigos espíritas...

Apenas descansamos um dia, de volta do 2.º Congresso Espírita Nordestino, e eis-nos voando para Belo-Horizonte e Montes Claros.

Fôramos em cumprimento de velha promessa, sempre adiada, a despeito de não sair a Semana Espírita Belorizontina, que esteve, até, em vias de articulação.

A velha e bôa amizade de Pedro Ziviani receberam-nos, com efusão de alegrias espirituais, no seu honrado lar, onde, com o dr. Noraldino Castro e Arlindo Correia da Silva, saboreamos o primeiro almoço belorizontino.

A' tarde daquele mesmo domingo de sol e calor, rodamos para o *Abrigo Jesus*, onde o velho Osorio de Morais nos aguardava em companhia da exma. esposa. Sentimos de perto a grandeza e oportunidade da grande obra, a recordar a primeira crônica sôbre o *Abrigo* e a primeira conferência que se fez no seu ambiente, estava êle ainda em construção, gáudio e honra que nos couberam. Obra de largo patrimônio moral-material, que póde abrigar duas centenas de crianças, folgadamente. Chegará a tanto? Cremos que chegue, pois a obra é de seu Patrono, embora reconheçamos, de experiência própria, que obras tais encontram mais dificuldades em conseguir quem as dirija bem, à altura de sua altissima finalidade e da Doutrina que as inspirou, do que para a sua construção e manutenção...

Conversamos aí, numa palestra própria para crianças, às internadas.

A' noite, a primeira conferência, na séde da *União Espírita Mineira*, sob a presidência do irmão Bady Elias Cury, presidente da FEMG.

Antes de nós, falou o prof. francês, Jaworsky, que insistiu para que falassemos primeiro.

—Não; fala o senhor, que é visita. Eu, aquí, sou quasi de casa—respondemos.

Sua conferência, ajustada a assunto de sociologia e psicanalise, teria fugido à compreensão da assistência, já pelo idioma misto de castelhano e francês do conferencista, já por tratar-se de assunto desenquadravel a ambiente espírita.

Mas, o ilustre conferencista gaulês inspirou-nos um estudo da evolução histórica das idéias espiritualistas, até chegarmos ao Espiritismo, que foi o assunto de nossa palestra. Dr. Noraldino Castro faz interessante «jornal falado» tão do sabor do movimento iguassuano.

Na manhã seguinte, rápida visita ao *C. E. Bittencourt Sampaio* e à redação de O PODER, onde fôramos recebidos pelos confrades Arlindo Correia da Silva e dr. Felipe Puritas. Trabalha-se na execução do número de aniversário de O PODER...

O almoço, com o velho confrade, prof. Cicero Pereira. E toda a tarde, passeios que nos puseram em contato com

irmãos queridos, de quem andavamos saudosos...

A' noite, conferência no vasto salão do C. *E. Oriente*, seu ilustre presidente, Jair Soares, dirigindo os trabalhos. Falámos, então, sôbre o choque tremendo que se verifica, na hora que passa, entre as idéias materialistas e espiritualistas...

O almoço no último dia que aí passámos, com o Noraldino Castro, presentes o Pedro Ziviani e o *médium* Pedro Machado. Moço, tímido, humilde, Pedro Machado possúe várias mediunidades apreciáveis. Encorpora, ouve, vê e desenha. Dir-se-á que viveu algumas existências no Oriente, pelas afinidades que espíritos orientais encontra em sua mediunidade. Rabindranat Tagore e Saadi — o grande poeta indiano e o não menor aëdo persa—encontram muita maleabilidade no médium para ditarem poemas em prosa, que em nada desmentem o estílo e o gênero de literatura de ambos. *Frauta do Além* é o volume de poemas em prosa, já quasi concluído, de Tagore. Se não nos enganamos, o médium Pedro Machado dará, muito breve, o que falar, como um tomo segundo de Francisco Candido Xavier...

A tarde, uma palestra com jovens espíritas, na séde do C. *E. Oriente*, para rearticulação do movimento jovem da cidade, que, para nós, preparar a mente das crianças e estimular o entusiasmo dos moços é o que, atualmente, de melhor se poderá fazer a pról da maior difusão do Espiritismo. E' servir à Doutrina no presente e para o futuro...

O jantar, com o Jair Soares, que correu, como as refeições anteriores, com a cordialidade e franqueza bem espiritistícas. E a última conferência, ainda na *União Espírita Mineira*, na presidência o velho espírita, dr. Camilo Chaves. Falámos aí sôbre a loucura humana e os meios de atenuá-la, terminando a focar as excelências do espiritismo de vivos, que andamos a prègar, atualmente. Um conjunto musical — acordion, clarineta e violino — enche uma parte artística, acompanhando números de declamação e canto de crianças e jovens. E, finalizando, uma excelente notícia que Bady Cury transmite à assistência: que a aliança da FEMG e da UNIÃO ESPÍRITA vai ultimar-se, para unificação do Espiritismo na cidade. Ainda bem, que a hora é, realmente, de aproximação e confraternização da parte dos servidores mais dedicados à Causa do Mestre e Senhor. E ai daquêle que, por incompreensão, exclusivismo, questões pessoais e personalismo, permanecer à distância dêsses movimentos de irmanação cristã e criar embaraços a sua marcha ascensional...

Leopoldo Machado.

Odilon Negrão

No dia 27 de Outubro último, tivemos a imensa satisfação de receber a visita do nosso prezado amigo e confrade Odilon Negrão, residente na Capital, que se fez acompanhar do confrade Antonio Gomes Guimarões e de sua exma. esposa D. Nair Guimarães, residentes em Araraquara.

Odilon Negrão, sobejamente conhecido nos meios espíritas pelo seu trabalho na difusão do Espiritismo e que muito vem contribuindo, com o resultado de suas experiências no campo da fenomenologia espírita, para esclarecer os estudiosos, fez, nesse mesmo dia, às 20 horas, uma importante conferência no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», perante numerosa assistência, abordando assuntos relacionados com a metapsíquica e com os deveres dos espíritas na hora presente, os quais, como células vivas da coletividade, não devem, absolutamente, ficar à margem dos acontecimentos, num indeferentismo prejudicial aos interêsses da doutrina.

Aproveitando a oportunidade, Odilon Negrão nos disse que, atendendo a reiterados pedidos de inúmeros espíritas da Capital e interior, vai apresentar a sua candidatura, nas próximas eleições, para deputado estadual, notícia que muito nos alegrou, visto que será tambem nesse setor da atividade humana, tão visado pelos inimigos da Verdade, que os espíritas poderão fazer algo de proveitoso não só para a Doutrina, como também para a coletividade, tão explorada nos seus direitos comuns e no seu patrimônio espiritual.

Pouco antes do seu regresso á Capital, Odilon Negrão fôra convida-

do a fazer no dia 9 p. p., uma conferência sôbre Metapsíquica no Teatro Municipal de Araraquara, para a qual recebemos amável convite.

Ao distinto visitante, que conosco manteve algumas horas de animada e confortadora palestra, agradecemos a fraternal visita.

✻

Um só Senhor

O Prof. Romeu do Amaral Camargo, autor de apreciável bagagem de estudos filosóficos e religiosos à luz do Evangelho, acaba de nos ofertar três exemplares de sua recente obra—«Um só Senhor», que, anunciada ha meses, vinha sendo anciosamente aguardada pelos seus inúmeros admiradores, que nêle têm um erudito comentador das letras sagradas.

No desejo louvável de contribuir o mais possível para a formação moral, intelectual e espiritual dos homens, o autor, possuidor de larga visão, aborda assuntos oportunos, de palpitante interêsse, citando trechos históricos para elucidação dos textos. Comenta a evolução dos povos através das religiões dominantes, faz estudos comparativos de citadas religiões, põe em evidência e comenta com lógica e precisão os factos espíritas e o mediunismo. Com dados e estatísticas demonstra o fracasso do catolicismo no campo da instrução.

Enfim, Romeu do Amaral Camargo, do seu vasto tesouro intelectual e espiritual, soube tirar, para dar aos sedentos de luz e conforto, as preciosidades do reino de Deus, com as mais variadas iguarias.

«Um só Senhor» contem 290 páginas aproximadamente, ótima encadernação. Obra editada pela «Livraria Allan Kardec Editora», de S. Paulo, foi impressa na Gráfica Mundo Espírita S/A, do Rio.

«Um só Senhor» não deve ser lido sómente pelos espíritas. E' livro para gregos e troianos, porisso que constitue um presente de real valor sempre que se tiver em mira ofertar algo de instrutivo a um amigo, professe êle a religião que melhor entender.

Agradecemos ao autor a oferta dos 3 volumes, com expressiva e fraternal dedicatória.

— A' venda na Livraria de «O Clarim».

✻

Juventude Espírita «Cairbar Schutel»

Sob os auspícios da União Espírita «Allan Kardec», de Vila Cascatinha, Petrópolis, Est. do Rio, acaba de ser fundada a Juventude Espírita «Cairbar Schutel», que já conta com apreciável número de jovens.

Foi convidado para inaugurá-la, o confrade J. B. Chagas, que se fez acompanhar de uma caravana da Mocidade Espírita de Mesquita. Foi um verdadeiro ágape espiritual.

A União Espírita «Allan Kardec», dando o nome de Cairbar Schutel à Juventude Espírita, tem por objetivo prestar justa homenagem a êsse Apóstolo do Espiritismo.

Do Correspondente.

✻

Luz da Verdade

Surgiu na arena da imprensa espírita, na Bahia, em setembro último, «Luz da Verdade», orgão da União Espírita Bahiana, que tem por objetivo a difusão da Doutrina Espírita nos seus três aspectos: religioso, filosófico e científico.

O seu número de apresentação insere artigos substanciosos, alguns dos quais ilustrados com fotografias de vultos espíritas.

Formulando os melhores votos pelo progresso do novo colega ou companheiro, agradecemos a remessa de dois exemplares de sua primeira edição, e com satisfação permutaremos de acordo com a ética jornalística.

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso companheiro sr. Onofre Batista referente á sua excursão no sul de minas:

Machado — Fiz palestras no Centro Esp. «Paz, União e Caridade», que está sob a direção dos confrades Oscar Fernandes e Joaquim Francisco Soares, êste cirurgião-dentista.

Altenas — Falei no Centro local.

Lavras — Fiz palestra no Centro Esp. de Lavras e no «Allan Kardec», os quais mantêm aulas espíritas para a mocidade e as crianças, num total de 200 alunos. Outra obra importante é o Asilo para Inválidos de ambos os sexos, velhos e crianças, que está sob a direção dos abnegados confrades João Modesto e D. Carmen Cartazo. Este Asilo conta atualmente com 100 Asilados. Breve será inaugurada outra obra que prestará relevantes bebenefícios á pobreza.

Itajubá — Fiz palestra no Centro dirigido pelos confrades Dr. Toscano, Tte. Martins e outros.

Santa Rita do Sapucaí — Aproveitando a data do aniversário do desincarne do Apostolo Francisco de Paula Vitor, falei no Centro Espírita Amor e Carídade Santarritense. Apesar de ser bem espaçoso o prédio do Centro, uma hora antes da conferência achava-se o mesmo já superlotado, notando-se muitas pessoas do lado de fóra. Falaram diversos confrades e recitaram poesias diversas crianças.

Pouso Alegre — Falei no Centro Espírita «Amor e Humildade», de que é presidente o Dr. Celio Andrade, Promotor Público. Os confrades de Pouso Alegre fundaram, ha dois anos, a *Caixa Beneficente dos Pobres*, que atende ha mais de 100 necessitados com genêros alimentícios, roupas, medicamentos, etc.

Silvianopolis — Falei no Centro local.

Poços de Caldas — O Centro Espírita «Vinha do Senhor», sob a direção do confrade Manoel Teixeira vai construir um Albergue e outras obras. Outros confrades iniciaram também obras de vulto.

Baependí — O Centro local, sob a direção dos confrades Homero Silva e José da Silva Pires, êste médium curador, está trabalhando ativamente pela propaganda.

Caxambú — Anexo ao Centro local, os confrades levantaram um prédio para Maternidade, que já está prestando relevantes serviços.

São Lourenço — Fiz palestra no Centro dirigido pelo confrade Antonio Negreiros. Referido Centro mantém uma escola espírita que conta com mais de 100 alunos, sob a competente direção de professoras dedicadas à causa.

Agradeço de coração a acolhida fraternal que me dispensaram os confrades nesta minha excursão. Que a todos Jesus proporcione progresso material e espiritual, muita paz e saúde.

«Juventudes Espíritas» do Brasil

Alastra-se por êsses Brasís em fóra, um movimento animador de «Juventudes Espíritas», que estudam, que trabalham que confraternizam.

São agrupamentos de moços que encontram nos ambientes espíritas clima excelente para o estudo do Evangelho do Cristo e da Doutrina Espírita, para alegrias cristãs e manifestação de seus pendores artísticos.

Moços que já se correspondem, na sua maioria, firmando, assim, em localidades diferentes, amisades puras e, por certo, duradouras, a permutar conhecimentos e impressões doutrinárias...

Algumas dezenas de juventudes espíritas bem organizadas já se fraternizam, dentro do mesmo ideal cristão de maior áproximação por amor a Doutrina do Cristo interpretada á luz do Espiritismo.

Os jovens espíritas, e os movimentos ainda desarticulados, que desejem orientar-se, ou um programa de ação apreciável, para sua entrosagem

nas «juventudes espíritas» que já confraternizam, devem dirigir-se á *Mocidade Espírita de Iguassú*, Caixa Postal, 6, Nova-Iguassú, E. do Rio, que lhes serão dadas, imediatamente, as informações precisas.

Vão, a seguir, endereços de jovens espíritas — um de cada localidade já entrosada — aos quais os moços espíritas poderão escrever, trocando impressões e conhecimentos, alicerçando, assim amizades espirituais. Cada jovem constante do endereço abaixo, enviará com muito prazer, endereços de outros jovens do lugar, também disposto á troca de correspondências cordiais.

Outros planos de ação construtivo aparecerão a seu tempo.

Ilza Chaves de Almeida — Rua Plinio Casado, 88 — Nova Iguassú, E. do Rio.

Lenice Teixeira — Rua Caçapava, 167, Apt. 202, Grajaú, Rio de Janeiro.

Atlas de Castro — Rua Feliciano Pires, 12, — Ricardo de Albuquerque, Distrito Federal.

Zilda Portugal — Rua Tereza, 704, Petropolis, E. do Rio.

Sebastião Costa — Rua Maria Candida, 377 (Santana) S. Paulo.

Dolarisa Alves — Celina, E. do Espírito Santo.

Emanual Chaves—Caixa Postal, 101, Uberaba, Minas Gerais.

Roberto Coimbra — R. Misseno de Padua, 790, Lavras, E. de Minas

Odete de Souza — Rua Jorge Tibiriça, 484, Cruzeiro, E. de S. Paulo.

Geuza Gioconda Cristovão — Rua Rodrigues Alves, 1.640, Nilopolis, E do Rio.

Wanderley da Silva—C. E. «Pedro», Macaé, E. do Rio.

Florina da Silva e Souza — Av. Ipiranga, 1 940, Santa Maria, E. R. G. do Sul.

Kleber Halfeld — Rua Antonio Dias, 415, Juiz de Fóra, E. Minas Gerais.

Maria de Lourdes Sobreira — Fazenda Rochedo, Vila Piquirí, E. de Minas.

Alice Araujo — *Mensageiro do Orfão*, S. Manoel, E. S. Paulo.

Anibal Lopes—Av. Pintos, 115, Jabotiesbal, E. S. Paulo.

Zelia Dias — Rua Carlos Gomes, 53, Sorocaba, E S Paulo.

Olga Mathion — Rua Rangel Pestana, 649 Jundiaí, E. S. Paulo.

Nair Saieti — Rua Tiradentes, 852, Piracicaba, E. S Paulo.

Nelli de Barros—União Esp. Cachoeirense, Valparaiba, E. S. Paulo.

Heitor S. Cardoso — União Esp. Baiana, Cruzeiro S. Francisco, 8, — Bahia.

Arí Cassiano da Silva Rua Olegario Maciel, 68 Bicas — E. de Minas.

Artigas Castilhos, Rua Gal. Lima e Silva, 159 Porto Alegre, R. G. do Sul.

José Augusto dos Santos — *Juv. Esp. Filgueiras Lima* — Rua Anspeçada Melo, 38 Olaria, Dist. Federal.

Ivan de Almeida Sá — *Juv. Esp. Amaral Ornelas*, Av. Amaral Cavalcante, 1.561, (Eng. Dentro) Dist. Federal.

Neela Gomes da Silva — Trav. Pará, 28, Barra do Piraí, E. do Rio.

Joseá Quadros de Souza — Rua Saldanha Marinho, 610, Curitiba, Paraná.

Luiz Anacleto Silos — Rua Curitiba, 626, Belo Horizonte, E. Minas Gerais.

Jobel Sampaio Cardoso, Rua Tte. Silveira, 77, Florianopolis, Santa Catarina.

Maria Zilda Duarte Bezerra — Av. Moreira e Silva, 467 (Farol) Maceio, Alagoas.

Martins Peraiva — Rua Pacatuba, 61, Aracajú, Sergipe.

Nilce Teixeira — Rua Gal. Osorio, 82, Nova Friburgo, E. do Rio

Hilda Cruz — *Juv. Esp. de Ibiá* — Rua Lindolfo Rodrigues, Ibiá, Minas Gerais.

Nabor Leite — Rua 15 de Novembro, 8-47, Barú, E. S. Paulo.

Helio Bastos — União Esp. Kardecista — Rua Eliseu Alvarenga, 434, Estação de Olinda, E. do Rio.

Americo dos Santos — C. E. Estrada de Damasco, Rua Adão, 138, Mesquita, E. do Rio

Oliveiros de Assunção Castro — Base Aérea Militar — Belém do Pará.

Caiuby J. Trevas—Rua Alberto Carvalho, 89, (Oswaldo Cruz Dist. Federal.

A doutrina de Jesus está ressurgindo em espírito vivificante, graças ao Espiritismo. E em breve ela se espalhará no mundo todo como a luz do sol. — MARIQUINHAS.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro